



**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIAS
DIGITAIS**

**BÁRBARA MUNHOZ VILLAR
IZABELLY CRISTINA FERNANDES DE OLIVEIRA
MELISSA ANDRADE SILVA**

**LIVRO-REPORTAGEM DE PERFIL: UM E-BOOK SOBRE OS DESAFIOS DAS
MULHERES NAS REDAÇÕES JORNALÍSTICAS DO OESTE PAULISTA**

Presidente Prudente - SP
2021



**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIAS
DIGITAIS**

**BÁRBARA MUNHOZ VILLAR
IZABELLY CRISTINA FERNANDES DE OLIVEIRA
MELISSA ANDRADE SILVA**

**LIVRO-REPORTAGEM DE PERFIL: UM E-BOOK SOBRE OS DESAFIOS DAS
MULHERES NAS REDAÇÕES JORNALÍSTICAS DO OESTE PAULISTA**

Trabalho de Conclusão apresentado à Escola de Comunicação e Estratégias Digitais, Curso - Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Orientadora:
Profa. Dra. Fabiana Aline Alves

Presidente Prudente - SP
2021

**BÁRBARA MUNHOZ VILLAR
IZABELLY CRISTINA FERNANDES DE OLIVEIRA
MELISSA ANDRADE SILVA**

**LIVRO-REPORTAGEM DE PERFIL: UM E-BOOK SOBRE OS DESAFIOS DAS
MULHERES NAS REDAÇÕES JORNALÍSTICAS DO OESTE PAULISTA**

Trabalho de Conclusão apresentado à Escola de Comunicação e Estratégias Digitais, Curso de Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Presidente Prudente, 13 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Orientadora Fabiana Aline Alves
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

Profa. Dra. Thaisa Sallum Bacco - Presidente
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste
Presidente Prudente - SP

Profa. Me. Giselle Tomé da Silva
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste
Presidente Prudente - SP

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres jornalistas que lutam diariamente pela busca de igualdade de gênero dentro das redações e, sobretudo, para nossa orientadora, professora doutora Fabiana Aline Alves, mulher, jornalista, que foi elemento importante e basilar para a produção deste trabalho.

Este projeto ainda é dedicado às mulheres que foram imprescindíveis no processo de formação humanística e pessoal das autoras, e que as ensinaram desde a mais tenra idade a enfrentar o mundo como mulheres forte que são. A vocês, mães e avós: Alessandra da Silva Munhoz; Elza Sebastiana da Silva Munhoz; Clarice Maria de Oliveira; Sophia Maria da Conceição Oliveira; Daniely dos Santos Andrade; Basília Miranda; Gisselma Ferreira e Cleonice dos Santos.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos, primeiramente, às jornalistas, que confiaram a nós os prazeres e dores de ser mulher em um cenário tão machista como o nosso. Vocês são referência e fonte de inspiração para as futuras gerações de mulheres jornalistas.

Agradecimentos que se estendem aos nossos mestres, que acreditaram no potencial deste trabalho e nos auxiliaram durante toda a trajetória acadêmica, em especial, nossa orientadora, Profa. Dra. Fabiana Aline Alves.

À nossa família, alicerce permanente, que nos proporcionou o acesso à faculdade e suporte em todos os momentos.

“O livro respirava como um corpo, o meu corpo. Encarnar-me em letras para mim não era metáfora. Quando me tornei repórter, sofria se alterassem o meu texto. Até hoje não suporto. Sou aberta a sugestões, mas quem escreve, com palavras minhas, sou eu. Em meus textos sou a autora de todas as vírgulas. As faltas e também os excessos me pertencem. Só assim sustento o frágil equilíbrio que me mantém na posse de mim mesma”. (Eliane Brum)

RESUMO

Livro-reportagem de perfil: Um e-book sobre os desafios das mulheres nas redações jornalísticas do Oeste Paulista

Este trabalho visa apresentar, por meio da produção de um livro-reportagem de perfil em formato de e-book, os desafios da mulher jornalista nas redações do Oeste Paulista. A partir do método biográfico, foram utilizadas as técnicas de coleta de dados como pesquisa bibliográfica, observação direta extensiva em forma de questionário e a pesquisa documental para o referencial teórico. Já para produção do livro-reportagem de perfil, foram utilizadas técnicas jornalísticas como apuração, checagem e entrevistas. Os dados obtidos por meio desses levantamentos, auxiliaram na fundamentação da peça prática e teórica acerca do cenário jornalístico da região e, principalmente, sobre o cotidiano da mulher enquanto jornalista nessas redações. O e-book, como produto final da peça prática, foi utilizado pela primeira vez na Escola de Comunicação e Estratégias Digitais, contribuindo para a compreensão das funcionalidades do formato e sua aplicabilidade à digitalização do jornalismo. Por fim, este trabalho, além de pensar o livro-reportagem de perfil, possui a premissa de promover discussões acerca da desigualdade de gênero dentro das redações, bem como sobre problemas que esse tipo de situação pode gerar físico, psicológico e socialmente às jornalistas.

Palavras-chave: Mulheres no Jornalismo; Jornalismo no Oeste Paulista; Livro-reportagem; Reportagem de perfil; *E-book*.

ABSTRACT

Profile report-book: An e-book about the challenges of women in Oeste Paulista's newsrooms

This paper aims to present, through the production of a profile report-book in an e-book format, the challenges of female journalists in Oeste Paulista's (western São Paulo) newsrooms. Using the biographical method, data collection techniques were utilized, such as reference survey, extensive direct observation in the form of a questionnaire and documentary research for the theoretical framework. Journalistic techniques, such as examination, checking and interviews were used to produce the profile report-book. The data obtained by these surveys helped to create the basis of the practical and theoretical work about the region's journalistic scenario and, mainly, the daily life of female journalists in these newsrooms. The e-book, as a final product of the practical project, was used for the first time in the School of Communication and Digital Strategies, contributing to the comprehension of the format's functionalities and its applicability in the digitalization of journalism. Lastly, this project, besides reflecting about the profile report-book, has the premise of encouraging discussions about gender inequality inside the newsrooms, as well as the physical, psychological and social repercussions these situations could have on female journalists.

Keywords: Women in Journalism; Journalism in Oeste Paulista; Report-book; Profile Report; E-book.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	Metodologia.....	12
1.1.1	Levantamento de dados para referencial teórico.....	13
1.1.2	Levantamento de dados para o livro-reportagem.....	14
2	MARCO TEÓRICO.....	16
2.1	Livro-reportagem em formato de <i>e-book</i>.....	16
2.2	Entrada da mulher no ambiente do trabalho.....	20
2.3	Mulheres no Jornalismo.....	22
3	RESULTADOS.....	25
3.1	Perfil dos veículos de comunicação do Oeste Paulista.....	27
3.2	As jornalistas das redações do Oeste Paulista.....	27
3.3	O <i>e-book</i> “Margaridas” e suas estatísticas.....	30
4	DISCUSSÕES.....	32
	REFERÊNCIAS.....	35
	ANEXOS.....	40
	APÊNDICES.....	71

1. INTRODUÇÃO

A presença feminina no mercado de trabalho tem crescido nos últimos anos, saltando de 18,5% para 44,1%, como apontam as estatísticas dos censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 1970 e 2000. Contudo, quase duas décadas depois, em 2019, a taxa de participação das mulheres nas atividades produtivas ainda se mostrou baixa (54,5%), se comparada ao percentual ocupado por homens, representados por 73,7%.

Disparidade marcante também nas remunerações. Dos 53,4% da população ocupada no Brasil, o rendimento mensal real dos homens era de R\$ 2.555, enquanto as mulheres recebiam, aproximadamente, R\$ 1.985, pouco mais de $\frac{3}{4}$ do rendimento masculino, ou 77,7% de sua totalidade, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a PNAD Contínua, realizada no primeiro trimestre de 2019 pelo IBGE (IBGE, 2019).

No cenário jornalístico, uma pesquisa elaborada pelo portal Comunique-se, em 2019, apontou que, dos 42.332 jornalistas empregados no país, 15.654 eram mulheres, contabilizando 36,98% do total. Quando analisados separadamente, os veículos de comunicação também demonstraram o baixo percentual de representatividade feminina nas redações. Nas revistas, as mulheres somavam 48,46% dos 3.336 jornalistas. Já nos jornais, 38,58% eram mulheres. Na internet, trabalhando em sites e blogs de notícias, elas representam 42,46% dos profissionais. Nas estações de rádio, a representatividade feminina era de 20,50%. Somente na televisão esse cenário era um pouco diferente, sendo de 50,21% de mulheres nas redações (PORTAL COMUNIQUE-SE, 2019).

Frente a essa conjuntura, o objetivo do projeto é retratar os desafios enfrentados por mulheres nas redações jornalísticas do Oeste Paulista por meio de um livro-reportagem em formato *e-book*. A peça prática buscou refletir sobre as condições do trabalho feminino, permeadas pela diferença entre os gêneros, com a produção de perfis. Isto posto, cada capítulo do *e-book* é marcado pelo relato em profundidade de seis jornalistas selecionadas previamente para compartilhar a sua história.

Do ponto de vista social, a justificativa do projeto está pautada na maneira como a mulher é tratada em seus postos de trabalho, panorama apresentado em uma pesquisa realizada pela Gênero e Número em parceria com a Associação Brasileira

de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). De acordo com os dados coletados com mais de 500 jornalistas de todo o Brasil, 86,4% delas afirmam já ter passado por alguma situação de discriminação proveniente de gênero (MAZOTTE; TOSTE, 2018) – o que contraria a Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 5º, inciso I, infere a igualdade de homens e mulheres perante a lei, em direitos e obrigações (BRASIL, 1988); seguido por 70,2% de profissionais que já presenciaram ou ouviram falar de alguma colega de trabalho sendo assediada no exercício da profissão, crime previsto no artigo 216-A do Código Penal Brasileiro (BRASIL, 1940). Portanto, identificar, discutir e refletir sobre os desafios das mulheres nas redações é necessário para que, além de encorajá-las a se imporem diante dessas situações, contribua-se para a transformação desse cenário, fazendo com que se sintam protegidas diante do compromisso do Estado em resguardá-las conforme a legislação.

Como contribuição acadêmica, este projeto se aprofunda nas características do *e-book*, entendendo as funcionalidades do formato e sua aplicabilidade à digitalização do jornalismo. Além disso, o trabalho é pioneiro quanto ao uso do livro digital como ferramenta de propagação das produções jornalísticas, tendo em vista o aumento de consumo dessa mídia, que, segundo a pesquisa Retratos da leitura no Brasil, realizada em 2019, pelo Instituto Pró-Livro, aponta um percentual de 48% dos entrevistados como leitor de livros digitais (IBOPE - INSTITUTO PRÓ LIVRO, 2020). Também, o conteúdo do *e-book* ajudou a mapear o cenário jornalístico da região do Oeste Paulista, buscando compreender sua estrutura e de que forma as mulheres estão inseridas nela, já que a quantidade de material de estudo disponível sobre esse assunto ainda é escassa.

É válido, ainda, ressaltar que esse trabalho justifica-se pessoalmente, pois o grupo é formado por três futuras jornalistas que ocupam ou um dia ocuparão espaços dentro das redações dos veículos de comunicação e, para que estejam preparadas para enfrentar as adversidades do mercado de trabalho jornalístico, é necessário conhecer e entender os principais desafios do dia a dia no exercício da profissão, para que possam lutar pela dignidade do seu espaço nas redações e valorização do seu trabalho.

1.1. Metodologia

O método adotado na produção do trabalho foi o biográfico. Segundo Martino (2018, p. 134), esse método se pauta pelo interesse de “[...] mostrar como cada um vive os acontecimentos de seu tempo, juntando opiniões, fatos e interpretações sem uma linha divisória muito clara entre o público e o particular”. Já Gobbi (2009, p. 90) define a narrativa do método biográfico também como histórias de vida, autobiografias e perfis, assim como foram utilizados neste projeto visto que mostrarão o personagem real, como as mulheres que são identificadas no livro-reportagem.

Ao contar sua história, cada um expressa seu modo de conhecimento do mundo, sua interpretação da realidade e de si mesmo. Essas manifestações interessam na medida em que estão no terreno das representações, da memória e do imaginário. A maneira como a pessoa se narra, colocando-se nesta ou naquela posição, incluindo ou não acontecimentos, o jeito como define os outros, como fala de situações passadas e presentes são objetos de análise (MARTINO, 2018, p. 135).

O método biográfico trabalha com fontes primárias, que podem ser gravadas ou impressas, desde que não dependam de um filtro de memória para investigação (VILLAS BOAS apud GOBBI, 2009, p. 91). Podem ser documentos oficiais e não oficiais; correspondências, clippings, livros de memórias e autobiografias, testemunhos orais, questionários, fotos e diários. Já as fontes secundárias dependem do exercício da lembrança e são geralmente representadas pelas entrevistas (VILLAS BOAS apud GOBBI, 2009, p. 91-93).

Martino (2018, p. 136) ainda traz à tona a importância de destacar a diferença entre o falar e ser “falado”, explicando que relatos da própria pessoa possuem um caráter autoral, ou seja, dependem de um ponto de vista singular. No entanto, quando se fala de alguém, o que é retratado leva em consideração apenas a visão de quem ouve (MARTINO, 2018, p. 136). Por isso, o autor enfatiza a “importância dos relatos em primeira mão” como “uma chance de ver as pessoas a partir de sua própria interpretação de si mesmas e do mundo que as cerca”, ou seja, “a chave para o método biográfico é deixar a pessoa falar” (MARTINO, 2018, p. 136).

Para execução do método apresentado, foram estabelecidos dois processos de levantamento de dados: um específico para o trabalho teórico e outro especialmente desenvolvido para a produção da peça prática, que é o livro-reportagem de perfil em formato de *e-book*.

1.1.1. Levantamento de dados para referencial teórico

Como técnicas de coleta de dados para produção do projeto, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, a observação direta extensiva como forma de aplicação de questionário e a pesquisa documental. A fim de compor a fundamentação teórica, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, pois, de acordo com Lakatos e Marconi (2013, p. 57), a técnica “[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, [...], livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais”.

Outra técnica utilizada na coleta de dados foi a observação direta extensiva, que “[...] realiza-se por meio do questionário, do formulário, de medidas de opinião e atitudes e de técnicas mercadológicas” (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 86). Seguindo as premissas dessa técnica, foram produzidos dois questionários na plataforma Google Forms. Um deles foi composto por dez questões objetivas e direcionado para os veículos de comunicação (emissoras de TV e rádio, jornais impressos, revistas e sites de notícias) das 56 cidades do Oeste Paulista, considerando as quais possuem mais de 15 mil habitantes de acordo com o último censo demográfico do IBGE. O outro foi especialmente voltado para as jornalistas em atuação nas redações jornalísticas da mencionada região e foi composto por dez questões objetivas e uma dissertativa.

O presente trabalho também foi pautado pela pesquisa documental, que é definida como uma “[...] fonte de coleta de dados [...] restrita a documentos, escritos ou não, construindo o que se denomina fontes primárias” (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 48-49). A partir do raciocínio dos autores, foi determinado que o projeto irá trabalhar com a pesquisa documental, baseada em fontes secundárias escritas e contemporâneas, definido como “[...] relatórios de pesquisa baseados em trabalho de campo de auxiliares; estudo histórico que recorre aos documentos originais, pesquisa estatística baseada em dados do recenseamento; [...]” (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 49). Isso porque a presente teoria trabalha a partir de pesquisas realizadas por órgãos oficiais, cujos dados são importantes para a fundamentação da peça teórica.

Posto isso, as características da prática jornalística viabilizam uma reflexão aprofundada do leitor acerca das temáticas tratadas, buscando compreender, sob a visão da mulher jornalista, quais são os desafios enfrentados por ela no exercício da profissão e de que forma afetam sua vida pessoal e profissional.

1.1.2. Levantamento de dados para livro-reportagem

Em relação à elaboração deste tipo de material, como qualquer produto jornalístico, o livro-reportagem é pautado pelos valores-notícia, assim como outros procedimentos que também orientam sua produção (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 148). Exemplo disso é a verificação, que está presente em toda fabricação desse tipo de livro e, para Rocha e Xavier (2013, p. 142), pode ser trabalhada “[...] de forma diferenciada de acordo com as características específicas de cada meio, linha editorial e gênero jornalístico”. Os autores ainda abordam outros procedimentos, como a apuração, que

[...] conta com análise de documentos, pesquisa do tema, observação do jornalista tanto das fontes como do ambiente e acontecimentos que norteiam o tema, entrevista a fontes primárias e secundárias e re Checagem de todos os dados levantados para aferir a autenticidade dos mesmos. [...] O processo de produção do livro-reportagem se distingue assim dos demais, porque além da disciplina de verificação e investigação ser necessária em todas as etapas, a fase de apuração também se estende até a versão final. Os procedimentos do processo de produção dialogam durante todo o trabalho (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 148-149).

Depois de toda a etapa de checagem das informações, a escolha e a aproximação com as fontes ideais para o assunto abordado também são primordiais. Para Rocha e Xavier (2013, p. 149), “[...] o jornalista busca as fontes quem tem algo para lhe informar sobre o assunto que está apurando. [...] Os tipos de informantes escolhidos pelos jornalistas vão determinar qual é o tipo de abordagem dada ao assunto”. A seleção das perfiladas ocorreu a partir da aplicação dos questionários mencionados no item anterior, bem como da realização de pré-entrevistas com 13 jornalistas da região. Os dados coletados por meio destas duas etapas proporcionaram a base necessária para filtrar os principais desafios relatados pelas profissionais, resultando na escolha de seis jornalistas que, juntas e nas suas singularidades, puderam representar as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres nas redações.

Os pesquisadores ainda dissertam acerca da observação como uma competência profissional e contribuinte no processo de apuração, já que

O jornalista tem que estar atento a tudo, pois gestos, atos, movimentos, cenas, ambientes também informam, mesmo a ausência é uma informação. A observação do jornalista deve ser traduzida em dados na construção do

texto, não de forma exaustiva e descritiva, mas agregando conteúdo ao tema reportado. O senso apurado de observação capacita o repórter a apreender melhor os elementos que cercam a investigação. A ida a campo faz parte do processo de produção do livro-reportagem, é difícil imaginar sua inexistência na concretização desse suporte (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 151-152).

Diante dessa conjuntura, a produção do livro-reportagem de perfil parte de uma das principais técnicas do jornalismo: a entrevista. É ela que conecta o jornalista aos fatos, reconstituídos subjetivamente pelos entrevistados, de modo a torná-lo “[...] uma terceira pessoa equidistante”, que vai “[...] costurando as declarações em etapas por ele decididas” (MEDINA, 2000, p. 56).

Levando em consideração as técnicas jornalísticas, o tipo de entrevista escolhida para ser aplicada nessa etapa do trabalho foi a dialogal. Lage (2017, p. 34) explica que nessa abordagem, o “Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões colocadas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados”. Medina (2000, p. 15) complementa que “Este diálogo é mais que uma conversação mundana. [...] O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema.”

Além disso, a técnica de entrevista como um todo configura-se como “[...] o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo”, portanto, “[...] uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2017, p. 32). Medina (2000, p. 8) considera a entrevista como “[...] uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”.

Sobre a relação entrevistador-entrevistado, Medina (2000, p. 83) ainda enfatiza que “[...] a emoção deve passar por meio da atmosfera narrativa, da penetração sutil nas entrelinhas do diálogo, nos silêncios, nos ritmos de cada pessoa”. No ato da entrevista, ao captar um perfil humano, o repórter se insere na história do perfilado, isto é, introduz uma humanização dentro do espaço da comunicação coletiva, batendo de frente com o jornalismo noticioso ortodoxo, que na maioria das vezes não oferece espaço a esses relatos (MEDINA, 2000, p. 51).

2. MARCO TEÓRICO

2.1 Livro-reportagem em formato e-book

O livro-reportagem, produto jornalístico que neste projeto retrata os desafios enfrentados por seis mulheres nas redações jornalísticas no Oeste Paulista, pode ser “[...] cunhado para designar um tipo de reportagem que se tornou cada vez mais importante no mercado editorial brasileiro, na formação da opinião pública e na renovação da prática jornalística” (SILVA; COSTA, 2017, p. 1).

Belo (2006, p. 59) explica que

Desse modo, o livro vai ganhando importância para o jornalismo como complemento da cobertura normal, como um enriquecimento da democracia e uma forma de tornar o acompanhamento da história mais presente. Essa modalidade de reportagem toma vulto na medida em que o mundo se torna mais complexo e o interesse da sociedade se vê dividido diante de uma variedade grande e de uma massa colossal de informações.

O Jornalismo Literário é o gênero que rege a construção do livro-reportagem, pois, a partir de suas técnicas, são estruturadas narrativas contextualizadas de forma detalhada, cuja escrita possui maior liberdade textual, apropriada para as discussões propostas. Pena (2006, p. 15) revela que “[...] uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial”. Para isso (PENA, 2006, p. 14), “[...] é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração”.

Meneguim (2016, p. 3-4) defende o gênero de perfil como uma

[...] obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a personagem geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personalizar a realidade de um grupo em questão.

Nesse sentido, registrar narrativas que, normalmente, não costumam ter espaço nas mídias tradicionais é cumprir com a função social do jornalismo em contemplar personagens que, na convencionalidade, seriam resumidos a estatísticas

(MENEQUIM, 2016). Dessa forma, o gênero de perfil, aliado ao livro-reportagem, é capaz de produzir depoimentos em profundidade, que geram empatia.

Tendo em vista as especificidades do perfil, nota-se a necessidade que esse tipo de narrativa tem em estabelecer uma humanização, além de permitir que conteúdo e leitor entrem em consonância, já que a subjetividade do jornalismo humanizado também determina um relacionamento com ambas as partes. Rocha e Xavier (2013, p. 150-151) elucidam que o procedimento de humanização serve para “[...] aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto”.

Medina (2000, p. 43) recorda que foi a partir dos anos 1950 que os veículos começaram a valorizar a humanização das fontes. Resgatando os ideais do New Journalism, Medina (2000, p. 43) explica que o traço humano dos conteúdos jornalísticos “[...] também foi alimentado pelos novos jornalistas norte-americanos nos anos 60, liderados pela formulação teórica de Tom Wolfe”. A pesquisadora ainda aponta que o perfil humanizado oportuniza várias opções de estilo, dependendo do repertório do jornalista-escritor (MEDINA, 2000, p. 43).

Destarte, partindo da contextualização, entende-se que o livro-reportagem de perfil seja primordial para o debate multifacetado e, mesmo com o advento das tecnologias, o livro, assim como outros produtos – jornais e revistas –, não sucumbiu à chegada da era digital, mas adaptou-se a ela. Exemplo disso é o *e-book*.

Ao longo dos anos, os hábitos de leitura modificaram-se em detrimento das influências da sociedade implicadas aos leitores, os quais passaram a necessitar de mais agilidade em suas rotinas para adaptar-se à modernidade (REIS, 2013, p. 20). Desse modo, é possível inferir que o *e-book* é uma peça importante nesse processo de transformação, pois atribuiu mudanças significativas aos hábitos de leitura, tornando-se um instrumento de disseminação do conhecimento (DZIEKANIAK *et al.*, 2011, p. 85).

Da mesma forma, é possível afirmar que a revolução eletrônica também potencializou essas mudanças, visto que, diante da necessidade dos leitores de se adaptarem aos novos formatos, abre “[...] novas possibilidades de leitura, facilitando o acesso à informação e permitindo, com isto, novos pensamentos e aprendizagens” (REIS; ROZADOS, 2016, p. 11). A era digital também fez surgir um novo tipo de leitor, o nativo digital, que possui a capacidade de realizar e decodificar “leituras de múltiplas linguagens, seleciona infinitas informações veiculadas pelos meios hipermediáticos,

navega entre nós e conexões não lineares pelas arquiteturas líquidas dos espaços virtuais” (SANTAELLA apud MARTINS, 2016, p. 41).

Acredita-se que implementações técnicas em relação à interação são frequentemente pensadas para suprir a necessidade do usuário em uma melhor experiência de leitura, gerando um ato imersivo com o conteúdo (MARTINS, 2016, p. 38). Por isso, a interatividade, quando está relacionada ao livro digital, diz respeito aos “[...] livros que permitem um alto nível de interação com os elementos de hipermídia presentes nas interfaces das obras digitais, sem a necessidade de apresentarem colaboração entre mais de um usuário”.

A hipertextualidade também é uma característica que pode ser empregada ao livro digital. Mello Junior (2006, p. 327) identifica isso como uma “[...] oportunidade de superação e transcendência presente na experiência do livro eletrônico” encontrando “[...] solo fértil nas teorias pós-modernas que identificavam o fim das grandes narrativas e [...] do narrador, a fragmentação da verdade em diversos pontos de vista e a abolição de hierarquias espaciais e temporais”.

Dentre as vantagens desse formato, destaca-se a usabilidade, que permite a navegação ágil pelo conteúdo e uma busca rápida por palavras com resultados em poucos segundos, sem a necessidade de folhear ou reler o *e-book*, como no livro físico (REIS; ROZADOS, 2016, p. 2). Por estar no ambiente digital, os autores, editores e designers gráficos de um *e-book* possuem mais autonomia em sua estruturação. Atrelada a isso e considerando o livro eletrônico como uma hipermídia, “[...] a liberdade do leitor de conduzir sua leitura é potencializada, podendo escolher tamanho de letra, cor, layout e, inclusive, a não linearidade da leitura” (REIS; ROZADOS, 2016, p. 4). A preservação ambiental também configura uma vantagem na produção do livro eletrônico. Isso porque contribui com a redução do volume de papel utilizado e da energia elétrica (REIS; ROZADOS, 2016, p. 3).

Com o advento do *e-book*, barreiras geográficas também foram extintas, proporcionando o aumento do alcance e disseminação de diversas obras, visto que o livro digital possui a facilidade de ser acessado de qualquer local (MOSCHIN, 2019, p. 58). Além do mais, a possibilidade de ter diversos exemplares dentro de um aparelho, seja um *smartphone*, computador, *tablet* ou *e-reader*, devido aos dispositivos de armazenamento de dados, também pode ser considerada uma facilidade, pois o leitor pode ter disponível uma ampla bibliografia onde estiver.

Para além do que se estabeleceu pelo senso comum, o *e-book*, também denominado como e-livro, livro eletrônico, digital ou virtual, ultrapassa a ideia de um processo de transposição do livro físico exclusivamente para o formato digital. Reis (2013, p. 30) define o *e-book* como um material

[...] não periódico, que necessita de um aparelho leitor e de um software para decodificação que viabilize sua leitura. Pode conter texto, imagem, áudio e vídeo, permite navegação, inclusão de comentários pelo leitor, marcação de trechos, bem como o controle e o ajuste de brilho, cor e tamanho da fonte. Em geral, a estrutura e a organização do livro digital se assemelha a do livro impresso, ou seja, contém capa, folha de rosto, sumário, capítulos, índices, glossário etc. Contudo, alguns elementos pré-textuais, como sumário e folha de rosto, e pós-textuais, como índices, podem ser ocultados, já que a possibilidade de pesquisar palavras dispensa esses elementos. No caso da folha de rosto, se a capa contiver as informações não é necessário tê-la.

Em 1945, o engenheiro e cientista americano Vannevar Bush (1890-1974), diretor do *Office of Scientific Research and Development*, esboçou o Mémex, uma idealização do livro eletrônico.

Ele acreditava que o crescimento do volume de pesquisas e, conseqüentemente, o acúmulo de conhecimento humano, deveria estar acessível, de forma que o tempo utilizado em realização de pesquisas não fosse desperdiçado. Também defendia a necessidade de mudanças e inovações no processo de registrar, armazenar e consultar as informações. [...] Neste artigo, Bush descreve uma fabulosa máquina, capaz de armazenar e mostrar livros e documentos depositados em um tipo de microfilme. Essa máquina é o Mémex (Memory Extension) (REIS; ROZADOS, 2016, p. 5-6).

Embora Bush tenha sido o idealizador do *e-book*, os primeiros passos dados em direção à criação do livro eletrônico só foram dados por Michael Hart em 1971. Ao digitar a Declaração de Independência dos Estados Unidos, Hart criou o primeiro documento eletrônico da história. Anos mais tarde, fundou a primeira biblioteca digital, nomeada como Projeto Gutenberg, que até hoje é responsável pela digitalização de livros em domínio público, arquivamento e disponibilização gratuita (REIS; ROZADOS, 2016, p. 7).

Miranda e Sousa (2013, p. 144) ressaltam que após o Projeto Gutenberg e “[...] com a consolidação da Internet, outros bancos de dados, organizações editoriais e bibliotecas digitais passaram a disponibilizar livros em formato digital numa ampla variação”. Isso contribui para a visão do livro eletrônico como algo além de um mero concorrente do livro físico, representando a possibilidade da “[...] aproximação da cultura livresca com a sociedade do conhecimento, onde as necessidades de acesso

rápido à informação e de interação com o conteúdo se fazem cada vez mais presentes” (MIRANDA; SOUSA, 2013, p. 144).

Com o advento do *e-book*, o acesso a obras literárias de gêneros diversos foi ampliado. Conseqüentemente, a indústria digital e eletrônica também foi impactada, já que o formato pôde fomentar este setor. Miranda e Sousa (2013, p. 148) pontuam que “[...] a criação de um ambiente que possibilite o desenvolvimento de uma cultura de leitura digital traz a possibilidade de comercialização com preços baixos ou com distribuição gratuita”, o que por decorrência, torna o *e-book* mais acessível a todos os públicos.

2.2 Entrada da mulher no ambiente de trabalho

Durante muito tempo a mulher esteve distante do mercado de trabalho, uma vez que era vista como incapaz de realizar as atividades mercantis com o mesmo vigor em relação aos homens. Para Glinka (2018, p. 34-35), “As ideias iluministas de romantismo também agravaram essa discriminação, já que a mulher era retratada como frágil, emotiva, incapaz e, portanto, inferior e passiva”.

A figura feminina esteve presente nas atividades laborais tempos depois. Glinka (2018, p. 32) salienta que “A entrada efetiva da mulher no mercado de trabalho teve início após a Revolução Industrial na Inglaterra no século XVIII, que iniciou o processo de produção de mercadorias em grande escala com a utilização de maquinário”. Santiago e Rocha (2019, p. 38) também evidenciam a inferiorização feminina como parte do ambiente de trabalho, onde “As mulheres servem de ‘cobaias’ para experimentos sociais porque são ‘menos protegidas’ pela legislação trabalhista e pelas organizações sindicais”.

Nesse sentido, estabeleceu-se uma divisão sexual do trabalho, como aponta Andrade e Assis (2018). Já Scott (1995) explica que a realização de análise das relações sociais de gênero no ambiente de trabalho deve considerar que a hierarquização valoriza mais o trabalho masculino, em relação ao feminino. Assim, Andrade e Assis (2018) ressaltam que cargos ocupados por mulheres estão ligados à reprodução, enquanto os homens estão ligados à produção. Diante deste fato, é visto que os fatores biológicos são as principais justificativas utilizadas por empregadores para diferenciar a capacidade profissional entre mulheres e homens.

Um exemplo, diz respeito à redução do trabalho das mulheres por conta da maternidade, a descontinuidade do trabalho feminino fornece argumentos aos empregadores para reforçar a subalternidade na hierarquia das posições, bem como a preferência de mão de obra masculina nos cargos de chefia que requisitam maior responsabilidade (NASCIMENTO, 2014, p. 342).

A dominação sexista masculina acentua-se com o surgimento do conceito de patriarcado, exercido por meio do capitalismo, e introduzido em instituições e estruturas hierárquicas, estabelecendo o poder sobre as mulheres (SANTIAGO; ROCHA, 2019, p. 32). Os reflexos da discriminação, exercida não só à figura feminina, perpassam todos os setores da sociedade. Esses aspectos estão enraizados na cultura global, no qual se atribui à mulher papéis sociais e econômicos, simplesmente pelo gênero. Para Lima (2018, p. 12), “[...] uma primeira medida factível para se enfrentar a desigualdade de gênero no trabalho seria a desconstrução cultural desses papéis atribuídos enquanto manifestação de dominação”.

Glinka (2018, p. 33) pontua que

[...] a saída da mulher para o mercado de trabalho, que poderia proporcionar sua emancipação, virou sinônimo de opressão e superexploração, impondo uma dupla jornada de trabalho e uma duplicação de sua alienação enquanto trabalhadora. Foi somente depois de inúmeras manifestações operárias em todo o mundo, que as legislações de diversos países proporcionaram garantias trabalhistas às mulheres. No Brasil, isso ocorreu apenas a partir de 1930, durante o governo Vargas, no período chamado Segunda República. Entretanto, mesmo com esta conquista, o trabalho feminino nas fábricas continua a ser um ambiente difícil.

Cassab e Oliveira (2014, p. 3) elucidam que as mulheres só começaram a ter seus direitos assegurados quando já ocupavam o cenário industrial no século XX, uma vez que “Muitas estavam incorporadas nas lutas trabalhistas, reivindicando seus direitos como trabalhadoras, inclusive em questões de opressão por gênero”. Glinka (2018, p. 35) explica que o movimento social feminista também surgiu no século XX e foi manifestado no Brasil em 1972, quando acentuou “[...] a igualdade e a busca pela emancipação” das mulheres. Somente na década de 1980, frente à redemocratização do país, a igualdade de gênero foi discutida em um ordenamento normativo, já que a busca pela conquista de direitos sociais estava em evidência, sobretudo o movimento feminista, “[...] cujo manifesto Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes, de 1986, representou o ponto nodal desse processo de lutas, concorrendo decisivamente para a formulação de amplas garantias constitucionais para as mulheres” (LIMA, 2018, p. 10).

2.3 Mulheres no jornalismo

Ocupar espaço nas redações jornalísticas também foi um dos objetivos da luta feminina por equidade. De acordo com Santiago e Rocha (2019, p. 32), “A participação de mulheres atuando na imprensa brasileira data do século XIX, contudo, de forma demarcada pelos limites da sociedade patriarcal da época”.

Em oposição às fronteiras impostas aos gêneros, destaca-se a atuação de Nísia Floresta Brasileira Augusta, considerada a primeira mulher jornalista do país, que foi colaboradora de *O Espelho das Brasileiras* em 1831, assim como em vários outros jornais, além de atuar como “[...] precursora da emancipação feminina no Brasil, ela escrevia sobre escravidão, problemas dos índios, preconceitos e direitos da mulher” (RAMOS, 2010, p. 342). Joana Paula Manso de Noronha também foi pioneira na profissão, com o *Jornal das Senhoras*, em 1852, que tinha como principal objetivo protestar sobre o modo como as mulheres eram tratadas. Outro periódico fruto do trabalho feminino surgiu no Rio de Janeiro, em 1862, chamado *O Belo Sexo*, que também era pautado nas críticas ao sistema social que reprimia as mulheres da época (BUITONI *apud* SANTIAGO; ROCHA, 2019, p. 32).

Mesmo após cem anos do ingresso da presença feminina no ambiente de trabalho, as redações do início do século XX ainda eram marcadas por um ambiente machista e profissionalmente discriminatório, sendo essas instituições atreladas a valores patriarcais de opressão a mulheres e incredulidade na eficiência de seus trabalhos (SANTIAGO; ROCHA, 2019, p. 34). O Brasil só teve a primeira mulher repórter na década de 1930, a qual se chamava Margarida Izar (ROCHA, 2003, p. 11). Ela também foi a primeira mulher que, entre 52 jornalistas homens, ajudou a fundar o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo em 1937, além de ter sido a primeira mulher na reportagem de assuntos gerais e não nos suplementos femininos ou os chamados “assunto de cama e mesa” (RAMOS, 2010, p. 214).

Carmen da Silva pode ser considerada outro grande nome feminino dentro do jornalismo brasileiro. Psicóloga, escritora e jornalista, sua presença na seção “A arte de ser mulher” da revista *Claudia* dos anos 60, rompeu paradigmas e expôs temas pouco explorados do universo feminino (RAMOS, 2010). À frente da coluna da revista entre os anos de 1963 e 1984, Carmen incutiu a palavra “feminismo” para suas leitoras e contribuiu para uma mudança gradual dos costumes das mulheres e famílias da época (RAMOS, 2010).

Essa realidade só passou a mudar com o surgimento das graduações em Jornalismo no Brasil, regulamentadas após 1947 e posteriormente impulsionadas pelo Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969 com alterações nos Decretos de nº 65.923 e nº 83.284, respectivamente, que também serviram para regulamentar a profissão de jornalista e a exigência do curso superior para exercer a profissão (ROCHA, 2004, p. 97).

Embora, no decorrer do tempo, as mulheres tenham conseguido ocupar seu espaço nas redações jornalísticas, seu trabalho ainda era visto como limitado. Lelo (2019, p. 2) explica que há “[...] um esforço por retratar entusiasticamente a feminização nas redações como oportunidade para suplantar injustiças”, pois diante da imagem da mulher enraizada na sociedade, surgiu o “[...] estilo ‘feminino’ de escrita jornalística, tendo supostamente o aspecto emocional como marco de diferenciação qualitativa de produção” (LELO, 2019, p. 2).

A estereotipação dos gêneros construiu uma visão binária a respeito de trabalhos jornalísticos femininos e masculinos. Isso fez com que fossem denominados pautas e temas específicos para mulheres e homens (DAMIAN-GAILLARD; SAIITA *apud* LELO, 2019, p. 2).

É possível elencar os diversos tipos de assédio como um dos principais exemplos desses obstáculos. Já que o princípio do capitalismo é o lucro, o bem-estar dos empregados acaba ficando em segundo plano e “É nesta constante e deliberada desqualificação da vítima, que se vê fragilizada e se remetendo a condições de flexibilização, terceirização e exploração do trabalho, que o assédio ganha forças” (GONSALES; KUTZKE, 2019, p. 41).

O assédio sexual é caracterizado pelo “[...] ato de constranger alguém para obter vantagem ou favorecimento sexual” (AMORIM; BUENO, 2019, p. 156). Já o assédio moral é definido como “[...] ataques repetitivos e cotidianos, quando o agressor trata o/a trabalhador (a) com rigor excessivo, gritos, humilhações, desprezo e ameaça o emprego da vítima, sendo que esse tipo de prática pode estar relacionado a questões de gênero e/ou raça” (AMORIM; BUENO, 2019, p. 157). Ambos podem ser considerados como forma de abuso hierárquico e de dominação, “resultando em altos níveis de depressão, ansiedade, dor de cabeça, isolamento social, doenças cardiovasculares, queda de autoestima e insatisfação profissional” (HANSEN *apud* GONSALES; KUTZKE, 2019, p. 42).

Mazotte e Toste (2017, p. 14) esclarecem que

O gênero e os estereótipos de gênero colaboram para produzir desigualdades nos arranjos institucionais no interior das organizações jornalísticas, influenciando as relações, as redes profissionais, determinando formas de divisão do trabalho e influenciando processos de ascensão profissional e econômica de forma prejudicial às mulheres e favorável aos homens.

Isso faz com que elas sofram para conciliar a densa rotina de trabalho com a vida particular, como explica Glinka (2018, p. 38), ao apontar que “a dupla jornada feminina” se divide na “[...] imprevisibilidade de horários e as escalas que impreterivelmente invadem os finais de semana, com as ‘funções femininas fundamentais’ relacionadas ao campo doméstico, como cuidar da casa e dos filhos”.

Outro aspecto que reflete a desigualdade sexista no mercado de trabalho é a diferenciação salarial para as mulheres, que, de acordo com Lima (2018, p. 7), “[...] ramifica-se em diversos outros desdobramentos e traz consequências futuras para sua reprodução pessoal e familiar”.

Sob o ponto de vista estético, as oportunidades tornam-se mais recorrentes no jornalismo televisivo, em que “[...] o mesmo aspecto cultural, que incentiva mulheres a cuidar da beleza e incita o culto do belo pela sociedade, pode ser considerado como uma das portas de entrada” no trabalho frente às câmeras, “não pela sua competência, mas sim por serem ‘rostos bonitos’ que chamam a atenção do telespectador” (GLINKA, 2018, p. 42). São claramente perceptíveis as disparidades nas exigências estéticas feitas para homens e mulheres nesse mercado. Glinka (2018, p. 42) explica que “[...] não é difícil encontrar homens mais velhos, acima do peso, carecas ou de cabelo branco, algo muito raro quando se trata de mulheres”.

Diante do cenário apresentado, faz-se necessário um rearranjo das configurações culturais, na construção de um ambiente de trabalho jornalístico mais igualitário, “[...] para que produzam resultados socialmente relevantes no sentido de se avançar com demandas legítimas que confrontam um sistema de desigualdades” (LIMA, 2018, p. 14).

3. RESULTADOS

A fim de estabelecer uma discussão mais fundamentada a respeito da mulher nas redações jornalísticas inseridas no recorte regional que foi estabelecido para a pesquisa, faz-se necessário elencar alguns pontos característicos deste cenário no Oeste Paulista. Atualmente, a região possui apenas uma graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, a Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), localizada na cidade de Presidente Prudente, em São Paulo. Dados disponibilizados pela coordenação do curso¹ revelam que, de 1998 a 2020, dos 926 alunos formados ao longo deste período, 593 são mulheres, representando um percentual de 64% dos novos profissionais (ANEXO A).

Este é um cenário comum no país, já que “[...] o número de mulheres com curso de graduação atuando no mercado é maior que o de homens: 53,91% dos jornalistas homens têm curso superior e o índice de jornalistas mulheres é de 73,16%”. (ROCHA, 2003, p. 18). Em contrapartida, Rocha (2003, p. 21) interpreta que mesmo a presença feminina na graduação de Jornalismo sendo superior à masculina, “o número de mulheres atuando no mercado não acompanha essa proporcionalidade”. É possível visualizar esse cenário nas redações do Oeste Paulista. Na pesquisa realizada pelas integrantes deste projeto por meio da aplicação de questionários a 45 veículos de comunicação da região (ANEXO B), foi identificado que 39 (86,7%) contam com uma equipe de um a cinco profissionais, somando homens e mulheres. Destes 39 veículos, 25 (55,5%) têm de uma a cinco mulheres no setor de jornalismo e 14 (31,1%) não possuem mulheres na redação. Nos outros seis veículos jornalísticos, dois (4,4%) revelam ter uma redação composta por de 6 a 10 pessoas e estas mesmas empresas informam empregar de uma a cinco mulheres no jornalismo. Quando se trata de uma equipe composta por de 11 a 20 pessoas, dois (4,4%) assinalam essa afirmação e ainda apontam ter de seis a dez mulheres entre os jornalistas. Por fim, dois (2,2%) veículos afirmam ter uma redação com mais de 30 pessoas, sendo que destas de 11 a 20 são mulheres.

Quando se trata dos cargos de chefia dentro do departamento jornalístico, dos 39 veículos compostos por de um a cinco profissionais, 21 deles apontam ter de uma

¹ Entrevista concedida pela professora Me. Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, coordenadora do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), Presidente Prudente, 2021.

a cinco mulheres como chefes na redação e 18 afirmam não ter presença feminina na chefia da empresa. Já outros cinco veículos (dois com equipe composta de 6 a 10 profissionais; dois com 11 a 20 jornalistas; e um com mais de 30 atuantes na redação) declaram ter de uma a cinco mulheres ocupando cargos de chefes no veículo.

As pesquisadoras ainda aplicaram um questionário especialmente produzido para as mulheres jornalistas do Oeste Paulista, resultando em 41 respostas (ANEXO C). Em uma questão onde puderam assinalar mais de uma alternativa, elas foram questionadas se o fato de ser mulher já as prejudicou em alguma situação dentro da empresa e 24,4% (10) apontam ter sido afetadas na distribuição de tarefas no ambiente de trabalho. O mesmo percentual também foi assinalado em relação às dificuldades na conquista de oportunidade de trabalho. Das 41 jornalistas participantes, 17% (7) consideram que o fato de ser mulher também foi prejudicial na obtenção de aumento salarial; mesmo índice referente à dificuldade na obtenção de promoção de emprego. Seis (14,6%) delas afirmam se sentirem prejudicadas na determinação de escalas de horário. E, por fim, 34,1% (14) informam que não se sentiram lesadas em nenhuma das alternativas, resultado distinto ao cenário nacional, no qual mais da metade (86,4%) das 500 jornalistas ouvidas, já passaram por situação de discriminação proveniente de gênero (MAZZOTE; TOSTE, 2018).

Antes de realizar discussões mais aprofundadas a respeito da mulher jornalista no Oeste Paulista, é necessário repercutir sobre os veículos de comunicação que empregam essas profissionais na região. Por isso, foi elaborada uma análise sobre essas empresas.

3.1 Perfil dos veículos de comunicação do Oeste Paulista

Os questionários aplicados na etapa de coleta de dados foram encaminhados para mais de 60 empresas de comunicação das 56 cidades do Oeste Paulista. No entanto, foram obtidas respostas de 45. A partir dos dados obtidos, as pesquisadoras puderam traçar o perfil da comunicação da região. Por isso, levando em consideração os maiores índices que constam como respostas no levantamento realizado, é possível prever que as cidades do Oeste Paulista são representadas por uma emissora de rádio (35,6%), com mais de 20 anos de mercado (37,8%), com uma área de abrangência voltada para cidade de atuação e região (35,6%) e composta por uma equipe jornalística de uma a cinco pessoas (86,7%).

Outros segmentos comunicacionais ainda foram representados na pesquisa. 22,2% (10) dos veículos apontam pertencer a sites de notícias e, com o mesmo percentual, aos jornais impressos. Cinco veículos participantes (11,1%) se denominam como emissoras de TV e quatro (8,9%) como revistas. Já em relação ao tempo de atuação do veículo na região, 28,9% (13) afirmam estar de 11 a 20 anos no mercado e 26,7% (12), de seis a dez anos. Por fim, três veículos (6,7%) informam estar no mercado de um a cinco anos. Sobre a área de abrangência, 31,1% (14) afirmam cobrir o Oeste Paulista e demais regiões do Estado de São Paulo; 22,2% (10) informam cobrir apenas a região Oeste Paulista e 11,1% (5) afirmam abranger somente a cidade de atuação.

Acerca do ingresso das mulheres nas redações do Oeste Paulista, é possível identificar que a maioria dos veículos que responderam ao questionário, 26,7% (12), contrataram uma jornalista pela primeira vez de seis a dez anos atrás. O segundo percentual mais alto, 20% (9), revela que a primeira contratação ocorreu de um a cinco anos atrás, seguido por 17,8% (8) que afirmam ter contratado uma mulher entre 21 e 30 anos atrás. Os períodos de 11 a 20 anos e há mais de 30 anos obtiveram um índice de 13,3% (6) das respostas cada um. Quatro veículos (8,9%) responderam “nenhuma das alternativas”.

Conhecendo o perfil dos veículos e levando em consideração a inserção das mulheres jornalistas nas redações, também é importante saber sobre sua colocação no mercado de trabalho da região. Para isso, a aplicação do questionário específico para esse público foi fundamental.

3.2 As jornalistas das redações do Oeste Paulista

Os dados obtidos a partir da aplicação do questionário para as jornalistas da região também permitiram traçar o perfil dessas profissionais. A partir disso, pode-se presumir que a mulher jornalista do Oeste Paulista é representada por uma profissional com idade entre 30 a 49 anos (78%), trabalha entre cinco a 15 anos na área (58,5%) e desempenha a maior parte de suas atividades na editoria de cidades (78%).

Das 41 jornalistas participantes no levantamento, 14,6% (6) possuem idade entre 18 e 29 anos e 7,3% (3) afirmam ter entre 50 e 65 anos. Em relação ao tempo de atuação no jornalismo, 22% (9) das mulheres revelam ter de 15 a 25 anos de

profissão. Quatro (9,8%) delas declaram atuar há cinco anos ou menos como jornalista e o mesmo se refere a quem declarou estar na profissão há mais de 25 anos. Quando perguntadas sobre qual área ou editoria desempenham a maior parte das atividades, elas puderam assinalar mais de uma alternativa. Dezenove (46,3%) delas apontam atuar na área de Ciência e Saúde, seguido por 18 (43,9%) em Economia e 17 (41,5%) na Polícia. Já os seguimentos de Política e Rural e Meio Ambiente registram, cada um, o percentual de 31,7% (13). A editoria de Cultura contabiliza 29,3% (12) das mulheres consultadas, seguido por Moda/Estilo de Vida/Turismo que registra 26,8% (11) das respostas. O seguimento de Esportes contabiliza o percentual mais baixo da pesquisa, registrando 19,5% (8) de mulheres atuando na área.

A pesquisa realizada ainda conseguiu revelar características sobre o ambiente de trabalho das jornalistas e aspectos de suas vivências profissionais sendo mulheres. Quando questionadas sobre já terem vivenciado ou presenciado uma colega de trabalho passar por algum tipo de constrangimento na profissão de jornalista, apenas pelo fato de ser mulher, 28 (68,3%) delas responderam positivamente e 13 (31,7%), negativamente. Já quando a pergunta era se alguma vez seu trabalho foi questionado pelo fato de ser mulher, 53,7% (22) das respostas foram positivas e 46,3% (19) negativas.

Em relação aos desafios enfrentados pelas jornalistas ao longo da carreira no Oeste Paulista, alguns foram identificados. Assédio moral e assédio psicológico foram as situações mais ocorridas na região, com um percentual de 43,9% para ambas, ou seja, 18 jornalistas afirmam já terem passado por tais situações. O abuso de poder por parte de chefes ou colegas de trabalho foi o segundo desafio mais enfrentado, com 41,5% (17) das respostas. Em terceiro lugar, 39% (16) das mulheres afirmam já ter tido a competência questionada na redação. O assédio verbal também é uma das situações mais vividas, contabilizando 34,1% (14) do resultado da pesquisa.

Por meio do questionário aplicado, também foi possível identificar os índices em relação ao alcance de melhores oportunidades dentro da empresa para as mulheres jornalistas no Oeste Paulista. Nessa pergunta, as entrevistadas também puderam escolher mais de uma situação. Como resultado, 26,8% (11) das jornalistas afirmam já ter enfrentado desigualdade salarial; 19,5% (8) apontam passar por ocasiões de desigualdade na distribuição de tarefas, além de 17,1% (7) revelarem desigualdade também no desenvolvimento profissional.

Algumas jornalistas ainda declararam que o constrangimento é algo vivido em alguns veículos da região. Das 41 profissionais participantes, 11 (26,8%) afirmam ter passado por situações de intimidação verbal, escrita ou física, além de sete (17,1%) terem vivenciado humilhações em público e quatro (9,8%) terem sido assediadas virtualmente por meio de ofensas em redes sociais. As situações de discriminação de gênero, preconceito de identidade de gênero, preconceito relacionado à orientação sexual, racismo e tentativa de danos à reputação obtiveram, individualmente, um percentual de 2,4% (1) das respostas. Já aquelas que nunca passaram por nenhuma das situações descritas, somaram um índice de 12,2%, ou seja, cinco das mulheres entrevistadas.

Em relação à maternidade, 12,2% (5) das jornalistas pesquisadas consideram ter sofrido ameaça ao trabalho nesse caso. Este cenário também pode ser visto sob a ótica dos veículos de comunicação, que, ao serem perguntados sobre quantas jornalistas já saíram de licença maternidade na empresa, 57,8% (26) respondem “nenhuma das alternativas”; 40% (18) afirmam que de uma a cinco jornalistas se encaixam na situação mencionada e 2,2% (1) apontam que mais de 30 mulheres saíram de licença. Já sobre o período pós-licença maternidade, ao serem questionados sobre quantas jornalistas retornaram ao trabalho e ficaram por mais de um ano no emprego, 60% (27) optam por “nenhuma das alternativas”, 37,8% (17) afirmam que isso ocorreu com de uma a cinco mulheres e apenas 2,2% (1) com mais de 30 mulheres.

Quando se trata do vestuário dentro da empresa, é possível afirmar que menos da metade estabelece uma conduta sobre utilização de determinada vestimenta dentro da empresa. Dos 45 veículos participantes, 14 (31,1%) consideram estabelecer um padrão de vestuário, enquanto 31 (68,9%) afirmam não ter esse tipo de regra. Em contrapartida, os dados obtidos no levantamento com as mulheres jornalistas, revelam um ambiente desconfortável para com a imagem física delas nas redações. Em resposta, 27 (65,9%) das mulheres declaram ter ouvido algum comentário ou elogio sobre roupas, corpo e aparência que as deixaram desconfortáveis no ambiente de trabalho, já 14 (34,1%) delas destacam nunca ter passado por isso.

Como verificado anteriormente, os relatos de assédio foram os mais predominantes em relação aos desafios elencados pelas jornalistas na pesquisa. Ainda sobre isso, também foi possível verificar que o fato não acontece somente dentro das redações, mas também durante entrevistas ou em contato com fontes.

Questionadas se, durante o exercício da profissão, já ouviram comentários por serem mulheres que a deixaram desconfortáveis, ou propostas inadequadas por parte de alguma fonte, 24 (58,5%) respondem que sim, enquanto 17 (41,5%) apontam que não. Já quando o assunto é obtenção de informações privilegiadas, os chamados “furos de reportagem”, as jornalistas foram indagadas se já tiveram a vida sexual questionada nessas situações e, diante disso, 32 (78%) assinalam que não, enquanto nove (22%) afirmam que sim.

Diante da apresentação deste cenário da comunicação jornalística do Oeste Paulista, foi possível obter uma visão das redações da região, o que serviu de complemento para a produção do livro-reportagem de perfil, o qual, após essa etapa de levantamento de dados, tratou-se sobre o tema mencionado de forma mais fidedigna à realidade regional.

3.3 O e-book “Margaridas” e suas estatísticas

A partir dos dados elencados nos questionários e das pré-entrevistas realizadas com 13 jornalistas, “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo” resultou em um livro-reportagem com o perfil de seis profissionais do Oeste Paulista, acompanhados de fotografias que apresentam vários momentos de suas vivências, inclusive pessoais. Cada capítulo, é iniciado com a apresentação de uma jornalista histórica, com o intuito de recuperar nomes importantes para a trajetória das mulheres no jornalismo brasileiro. Em suas 265 páginas, ainda há dois prefácios, uma apresentação, um posfácio e um agradecimentos.

A obra foi disponibilizada na plataforma de publicação digital Issuu, no dia 17 de novembro de 2021. Desde sua divulgação, por meio de um QR Code gerado especialmente para o lançamento oficial da obra, realizado no dia 18 de novembro de 2021, no Auditório Carvalho, localizado no Campus II da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), o e-book obteve 334 leituras e 3270 impressões, isto é, o número de vezes em que o *link* foi acessado, sem que necessariamente a leitura fosse concluída. Até o dia 21 de novembro de 2021, segundo dados da plataforma, o e-book somou 81% dos acessos via *smartphone* e 19% por meio de *desktop* (computadores).

O livro também foi submetido às impressões de cinco leitoras-beta, com idades entre 18 e 24 anos, que avaliaram a obra de forma geral e específica. Realizada por três jornalistas e duas estudantes de Jornalismo, a avaliação contou com nove

perguntas de múltipla escolha e duas dissertativas, com comentários acerca das deficiências e/ou pontos negativos e aspectos positivos da obra (ANEXO D). A participação em todas as questões era obrigatória.

Acerca das deficiências, duas consultadas sugeriram que o *e-book* poderia conter mais fotografias e ilustrações. Também foi apontada, por uma leitora, a dificuldade para “pegar o ritmo” na leitura da introdução. Outra avaliadora citou alguns problemas em relação ao espaçamento de palavras e um parágrafo repetido. Por sua vez, uma delas afirmou que não encontrou aspectos negativos na obra.

Em relação os pontos positivos, de forma geral, ter uma narrativa envolvente e cativante foi apontado por duas leitoras-beta, que ainda afirmaram se sentirem representadas ou identificadas com as histórias. O livro também foi considerado forte pela forma como as histórias são contadas e pela própria narrativa, “que faz o leitor capaz de se colocar dentro de cada um dos acontecimentos presentes ali”. Outra consideração trata o “Margaridas” como um exemplo de produção, de escrita, de entrevista em profundidade. Ainda salienta que é um livro que “poderia poupar o sofrimento e falta de valorização das mulheres na profissão, já que mostra a vida como ela é”.

Já de acordo com as respostas quantificadas no formulário a partir das questões de múltipla escolha, 100% das leitoras-beta classificaram o conteúdo da obra como “muito relevante”. A mesma resposta pôde ser observada nos questionamentos quanto à realidade da mulher nas redações jornalísticas e à contribuição social do *e-book*.

Com relação à atualidade das discussões apresentadas no livro, 80% afirmaram ser “muito relevante” e 20% “relevante”. Esse percentual de respostas também foi identificado quanto ao conhecimento do jornalismo, à linguagem adotada e ao projeto gráfico/layout da obra. Quando questionadas se indicariam o “Margaridas” para alguém, 100% das leitoras-beta responderam positivamente. Sendo assim, as participantes ainda consideraram que o livro deve ser indicado para jornalistas, estudantes de Jornalismo, bem como para o público em geral. Quatro delas ainda indicariam para mulheres em geral e duas delas para homens em geral.

4. DISCUSSÕES

O êxito das discussões deste trabalho culmina na concepção de que o livro-reportagem serve como um aprofundamento de temas e fatos que corroboram com a demanda do leitor “[...] que não se contenta com as notícias apresentadas pela imprensa regular e espera encontrar no livro uma narrativa detalhada e um posicionamento do qual compartilha” (SILVA; COSTA, 2017, p. 6-7). Sendo assim, na execução do livro foi possível aprofundar temáticas sobre a presença feminina no mercado de trabalho, sobretudo o jornalístico.

Com o retrato das histórias de Tatiane Ferreira, Heloíse Hamada, Amanda Simões, Cássia Motta, Luci Castro e Paula Sieplin, seis jornalistas que enfrentam ou já enfrentaram os desafios de ser mulher numa redação, o livro-reportagem de perfil “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo” mostrou-se o modelo ideal para apresentar esses depoimentos e permear as discussões relativas ao propósito inicial do trabalho. Acredita-se que o formato é “[...] adequado para entendermos a sensibilidade presente na vida cotidiana sem fugir da proposta e do estilo do jornalismo” (SILVA, 2010, p. 410).

Belo (2006, p. 55-56) ainda elucida que o livro-reportagem

[...] pode perfeitamente ocupar os espaços deixados pelas deficiências da cobertura cotidiana – complementando-a ou fazendo o que os outros meios não fazem. Convém notar que o crescimento do livro-reportagem no Brasil começa a se dar quase ao mesmo tempo da inauguração da era da informação em pílulas, digital, quase instantânea. E não por acaso. Pelo menos uma parcela do público dá sinais claros de que aquela idéia fomentada por alguns jornais, que o leitor não quer textos longos e profundos é equivocada. O público decididamente já demonstrou não querer textos chatos ou sem conteúdo. São essas pessoas que estão recorrendo aos livros em busca da reportagem perdida.

Por meio do processo de humanização do conteúdo jornalístico, tanto nas entrevistas como na produção do texto, foi possível apresentar as experiências profissionais e pessoais dessas seis jornalistas. Isso porque, de acordo com Alves e Sebrían (2008, p. 10), “é importante o comunicador privilegiar a história de vida, a particularidade humana juntamente com a abstração conceitual”.

Rocha e Xavier (2013, p. 151) defendem que é necessário “[...] atentar-se para o cuidado de não banalizar a humanização ou explorar a vivência das fontes para despertar a ‘emoção do leitor’, a linha que separa este recurso na construção do texto

do sensacionalismo é muito tênue”. Em vista disso, o procedimento de humanizar um conteúdo jornalístico, de acordo com Alves e Sebrían (2008, p. 2), “não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens”, mas sim “busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado”. Por isso, tratando-se de relatos sensíveis, a produção textual da peça prática demandou cautela quanto ao uso de determinados termos, à abordagem de assuntos e citação de personagens que, em certos momentos, cruzam as trajetórias das perfiladas.

O estilo de escrita também é uma particularidade que faz o perfil se diferenciar de outras produções jornalísticas, uma vez que usa “[...] recursos narrativos que fogem ao padrão jornalístico [...] tradicional. Podem-se utilizar estratégias como suspense, descrição, jornada do herói, entre outras” (CHRISTOFOLETTI; HILDEBRAND; ORMANEZE, 2015, p. 5). No caso da obra produzida pelas autoras, optou-se pelo uso de descrição, metáforas, além da linguagem baseada no estilo de narrativa literária. Para tanto, foi necessário moldar o padrão textual das autoras, que, acostumadas com a escrita jornalística caracterizada pela objetividade, tiveram de se adaptar ao gênero literário proposto, trabalhando com textos mais rebuscados, detalhistas e sensíveis.

Essa mudança também foi identificada no processo de apuração do conteúdo que compõe a peça. Diferente dos procedimentos tradicionalmente utilizados na captação de informações no jornalismo diário, na produção do livro-reportagem de perfil foi importante realizar uma pesquisa mais elaborada e minuciosa, composta por três etapas: aplicação de questionários, pré-entrevistas e cerca de 27 horas brutas de entrevistas oficiais, além de checagens de detalhes.

Perante as discussões apresentadas, aprofundar-se nas descrições das realidades compartilhadas pelas jornalistas é fugir das amarras estéticas tradicionais, visto que a junção do perfil ao jornalismo literário e humanizado permite uma aproximação entre leitor e relatos, gerando empatia e reflexão acerca da problemática retratada. Foi possível, então, perceber que a junção do perfil ao livro-reportagem representa uma solução alternativa e eficaz, capaz de levar informações de forma diferenciada aos leitores e, com isso, fomentar as discussões em torno das desigualdades de gênero instigadas pelas autoras.

Tendo em vista as possibilidades e vantagens observadas no livro eletrônico, as autoras acreditam que esse é um formato adequado para apresentar as discussões

propostas, pois o conteúdo apresentado pode chegar a um maior número de pessoas. Além disso, a escolha de um produto jornalístico em formato de *e-book* se deu por conta de suas possibilidades técnicas, de rápida e fácil disseminação, considerando a agilidade com que a obra foi compartilhada junto aos leitores-beta para avaliação inicial.

Além disso, o digital também permite que o *e-book* esteja nas mais diversas plataformas, democratizando seu acesso, que pode ser facilmente realizado por todos. Ademais, esse formato é pioneiro nas produções jornalísticas da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Unoeste, bem como se também apresenta uma alternativa aos futuros pesquisadores interessados em desenvolver projetos que explorem o ambiente digital como ferramenta do jornalismo literário e humanizado. Tal percepção foi adquirida pelas autoras durante o desenvolvimento da obra, sob análise das possibilidades que contemplam o universo digital e importância de submeter materiais jornalísticos a esse ambiente.

A partir da realidade da mulher no mercado de trabalho e das pesquisas sobre o tema observadas a nível nacional, foi possível identificar que os desafios vivenciados por elas na profissão não se limitam aos grandes centros urbanos. Com a aplicação de questionários aos veículos de comunicação e mulheres jornalistas do Oeste Paulista, esses obstáculos também foram observados a nível regional, aproximando-se do cotidiano de um número imenso de mulheres.

Toda essa conjuntura pôde ser reafirmada por meio dos fatos vividos pelas jornalistas e relatados durante as entrevistas. Essas experiências compartilhadas serviram para que as autoras confirmassem a ideia inicial deste projeto: o ambiente de trabalho nas redações não é igualitário.

Desse modo, as autoras, enquanto graduandas em Jornalismo prestes a ocuparem o mercado de trabalho, enxergam, nas discussões propostas pela obra, uma oportunidade de apresentar essa realidade e, mesmo que minimamente, transformar esse cenário para as futuras gerações de profissionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. A.; SEBRIAN, R. N. N. Jornalismo Humanizado: O ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL., 4, 2008, Guarapuava. **Anais eletrônicos do Intercom**. Guarapuava: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf>. Acesso em: 18. jan. 2021.

AMORIM, Janaina Lopes de; BUENO, Thaisa. Mulheres jornalistas em pauta: Estado da arte sobre assédio moral e sexual no Brasil. **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**, v. 6, n. 2, p. 153-170, jun/dez. 2019. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/14715>. Acesso em: 17 out. 2020.

ANDRADE, Cristiane Batista; ASSIS, Simone Gonçalves. Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/4jH9bBbXyBr49hXPqTJMJs/?lang=pt#ModalDownloads>. Acesso em: 17 out. 2020.

ASSIS E SAMGREGUIO, M. **Ebooks e grids adaptativas**. [S.l.: s.n.], 2011. Disponível em: https://www.slideshare.net/mariliassis01/ebooks-8176644?src=related_normal&rel=6554214. Acesso em: 13 dez. 2020.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1221/pdf/0?code=ijJoMQ7daDNxh6322qckN/NQx8f34IC69MCLof+ttCKvOT16zaEMCPSbIVOuqBNJiCBof0QL4Ub16AZ36awCEw==>. Acesso em: 17 out. 2020.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

CASSAB, Latif Antonia.; OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3, 2014, Londrina. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Londrina: UEL, 2014. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf. Acesso em: 17 dez. 2020.

CHRISTOFOLETTI, D.; HILDEBRAND, J.; ORMANEZE, F. A utilização dos pilares do jornalismo literário na construção de perfis jornalísticos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38, 2015, Rio de Janeiro. **Anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2317-1.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2020.

DZIEKANIAK, G. V. et al. Considerações sobre o E-book: do Hipertexto à Preservação Digital. **BIBLOS**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 83–100, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1899/1035>. Acesso em: 13 mar. 2021.

GLINKA, Fernanda Ramos. **A mulher no jornalismo esportivo: os desafios das jornalistas em Curitiba**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/58890>. Acesso em: 7 out. 2020.

GOBBI, Maria Cristina. Método biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio; NOVELLI, Ana Lúcia Romero (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 90-93.

GONSALES, T. C.; KUTZKE, L. P. Mudanças na rotina profissional de mulheres jornalistas devido ao assédio sexual, verbal e moral. **Paradoxos**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 38-52, jul/dez. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/paradoxos/article/view/50618>. Acesso em: 7 out. 2020. DOI 10.14393/par-v4n2-2019-50618

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Primeiro trimestre de 2019. Rio de Janeiro: IBGE. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2019_1tri.pdf. Acesso em: 2 out. 2020.

IBOPE - INSTITUTO PRÓ LIVRO, 2020. Pesquisa retratos da leitura no Brasil: Leitura em outros suportes. 5. ed. 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. 2017. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa e elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

LIMA, Camila Rodrigues Neves de Almeida. Gênero, trabalho e cidadania: função igual, tratamento salarial desigual. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, out. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000300210&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 out. 2020. DOI 10.1590/1806-9584-2018v26n347164

LELO, Thales Vilela. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, jun. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2019000200224&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 2 out. 2020. DOI 10.1590/1806-9584-2019v27n254225

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Métodos de pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/168221>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MAZOTTE, N; TOSTE, V. (coord.). **Mulheres no jornalismo brasileiro**. [São Paulo]: Gênero e Número; ABRAJI, [2018]. Disponível em: https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf. Acesso em: 2 out. 2020.

MARTINS, Vagner Basqueroto. **E-books em tablets**: Um estudo sobre a opinião de leitores adultos acerca de sua experiência de uso. 2016. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45689/R%20-%20D%20-%20VAGNER%20BASQUEROTO%20MARTINS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: O diálogo possível. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

MELLO JUNIOR, José de. **Do codex ao ebook**: metamorfoses do livro na era da informação. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unip.br/programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/do-codex-ao-e-book-metamorfoses-do-livro-na-era-da-informacao/>. Acesso em: 13 dez. 2020.

MENEGUIM, Giovana Santili. As narrativas de perfil como elemento de construção da identidade. In: CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 16, 2016. Guarulhos. **Anais Conic – Semesp**. Guarulhos: Faculdade Eniac, 2016. Disponível em: <https://www.conic-semesp.org.br/anais/anais-conic.php?ano=2016&idautor=43661160818&act=pesquisar>. Acesso em: 13 dez. 2020.

MIRANDA, Márcio Batista de.; SOUSA, Richard Perassi Luiz de. O Ebook como mídia do conhecimento. In: SEMINÁRIO LEITURA DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO: MÚLTIPLAS MÍDIAS, 6., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2013. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/5932/Artigo12_15505120525828_5932.pdf. Acesso em: 13 dez. 2020.

MONTEIRO, R.; FREITAS, V.; DANIEL, F. Condições de trabalho num universo profissional feminizado. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

026X2018000200219&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 10 out. 2020. DOI 10.1590/1806-9584-2018v26n234529

MOSCHIN, Isabela Zamboni. **Experiência do usuário e e-readers**: uma análise a partir da perspectiva do design emocional. 2019. Dissertação (Mestrado Mídia e Tecnologia) – Faculdade Artes, Arquitetura e Comunicação – Universidade Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Bauru, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181320>. Acesso em: 13 mar. 2021.

NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do trabalho feminino: a realidade das mulheres no mundo do trabalho. In: SÍMPOSIUM GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3, 2014, Londrina. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Londrina: UEL, 2014. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT1_Sara%20Diniz%20Nascimento.pdf. Acesso em: 17 dez. 2020.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1220/pdf/0?code=U/USWUX6Wurcss3UI1tBEpQsR8mLKAQFhpCU8VgApY7ShSidzR+AiyI+bM56CYid3ezkXSmlIFKEgNs3ITBkVA==>. Acesso em: 17 out. 2020.

PORTAL COMUNIQUE-SE. Mulheres ainda são minoria no jornalismo brasileiro. 2019. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/mulheresjornalistas-minoria/>. Acesso em: 2 out. 2020.

RAMOS, Regina Helen de Paiva. **Mulheres jornalistas**: A grande invasão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

REIS, Juliani Menezes dos. **E-books, bibliotecas e editoras**: um diálogo necessário. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/101850>. Acesso em: 13 dez. 2020.

REIS, Juliani Menezes dos; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (19.: 2016 out. 15-21: Manaus, AM). **Anais**. Manaus, AM: UFAM, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/151235>. Acesso em: 13 dez. 2020.

ROCHA, Paula Melani. A profissionalização do jornalismo e o mercado para mulheres. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 11., 2003, Campinas. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas: Unicamp, 2003.

ROCHA, Paula Melani. **A mulher jornalista no estado de São Paulo**: o processo de profissionalização e feminização da carreira. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1412?show=full>. Acesso em: 2 out. 2020.

ROCHA, P. M.; XAVIER, C. O livro reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **RuMoRes**. [S.L.], v. 7, n. 14, p. 138-157, jul-dez, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>. Acesso em: 13 dez. 2020.

SANTIAGO, Abinoan; ROCHA, Paula Melani. As assimetrias de gênero no mercado de trabalho em jornalismo: um estudo sobre a participação feminina em redações do Amapá. **Novos Olhares**, v. 8, n. 2, p. 30-42, dez. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/153971>. Acesso em: 2 out. 2020. DOI 10.11606/issn.2238-7714.no.2019.153971.

SCOTT, Judith. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em 17 out. 2020.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudo em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p.403-412, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n2p403>. Acesso em: 13 dez. 2020. DOI: 10.5007/1984-6924.2010v7n2p403

SILVA, Fernando Lopes; COSTA, Daniel Padilha Pacheco da. O conceito de “livro-reportagem”: subsistema jornalístico e suporte editorial. *In*: Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social de Minas Gerais, 20, 2017, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos Ecomig**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2017. Disponível em: <https://anaisecomig.files.wordpress.com/2018/02/o-conceito-de-livro-reportagem.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

ANEXOS

ANEXO A
TABELA DE DADOS DE FORMADOS NO CURSO DE JORNALISMO DA
UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA

Dados sobre alunos formados na graduação de Jornalismo da Unoeste.

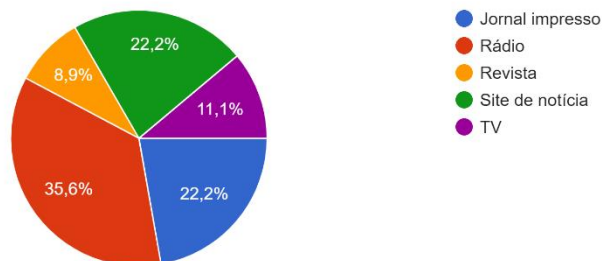
Ano	Total de graduados	Mulheres graduadas	% de mulheres formadas no ano
1998	26	15	57,6%
1999	25	19	76%
2000	26	17	65,3%
2001	28	17	60,7%
2002	45	33	73,3%
2003	39	26	66,6%
2004	36	18	50%
2005	59	42	71,1%
2006	44	34	77,3%
2007	39	30	76,9%
2008	52	39	75%
2009	40	31	77,5%
2010	60	35	58,3%
2011	33	17	51,5%
2012	38	22	57,9%
2013	48	28	58,3%
2014	42	27	64,3%
2015	45	26	57,7%
2016	50	26	52%
2017	28	16	57,2%
2018	47	26	55,3%
2019	49	34	69,4%
2020	27	15	55,5%
TOTAL	926	593	64%

ANEXO B
RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS PARA OS VEÍCULOS DE
COMUNICAÇÃO DO OESTE PAULISTA

Pergunta 1: Qual o segmento que a sua empresa pertence?

1 - Qual o segmento que a sua empresa pertence?

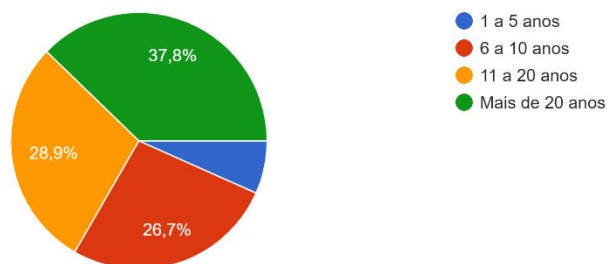
45 respostas



Pergunta 2: Há quantos anos a empresa existe?

2 - Há quantos anos a empresa existe?

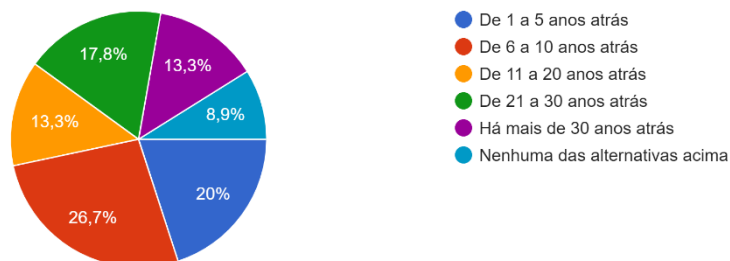
45 respostas



Pergunta 3: Quando ocorreu a primeira contratação de uma mulher na equipe de jornalismo na empresa?

3 - Quando a ocorreu a primeira contratação de uma mulher na equipe de jornalismo na empresa?

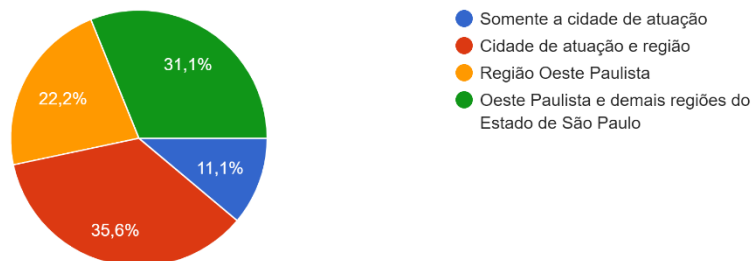
45 respostas



Pergunta 4: Qual é a área de abrangência do veículo de comunicação?

4 - Qual é a área de abrangência do veículo de comunicação?

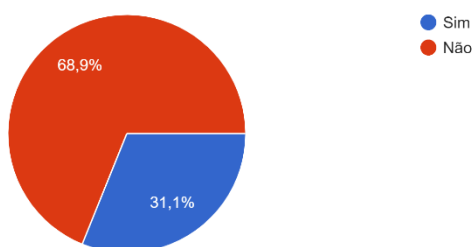
45 respostas



Pergunta 5: A empresa possui alguma política de conduta referente a vestimenta dos funcionários no ambiente de trabalho?

5 - A empresa possui alguma política de conduta referente a vestimenta dos funcionários no ambiente do trabalho?

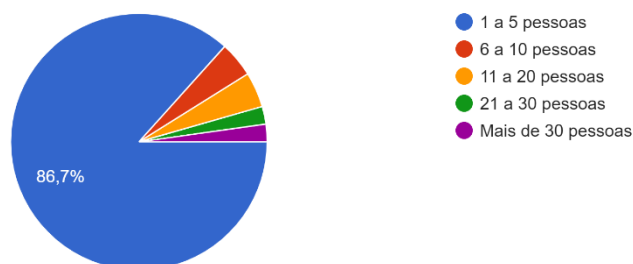
45 respostas



Pergunta 6: Quantas pessoas compõem o departamento de jornalismo?

6 - Quantas pessoas compõem o departamento de jornalismo?

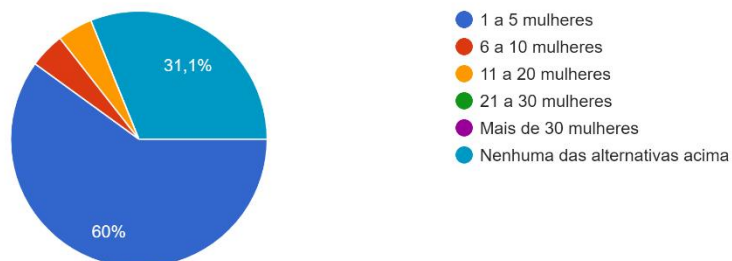
45 respostas



Pergunta 7: Quantas mulheres existem no departamento de jornalismo?

7 - Quantas mulheres existem no departamento de jornalismo?

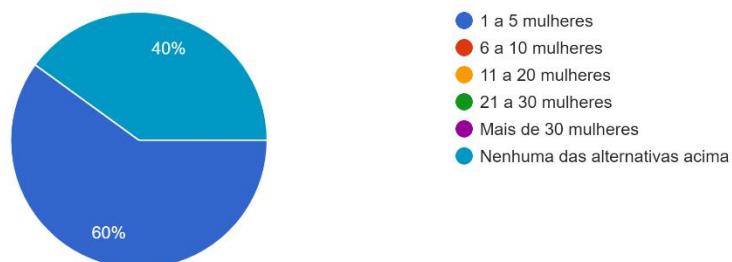
45 respostas



Pergunta 8: Quantas mulheres exercem cargos de chefia no departamento de jornalismo?

8 - Quantas mulheres exercem cargos de chefia no departamento de jornalismo?

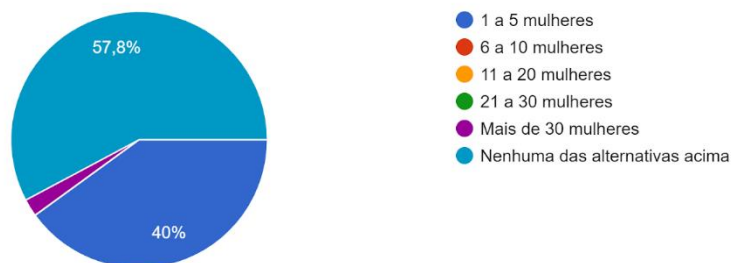
45 respostas



Pergunta 9: Dentre as jornalistas, quantas já saíram de licença maternidade?

9 - Dentre as jornalistas, quantas já saíram de licença maternidade?

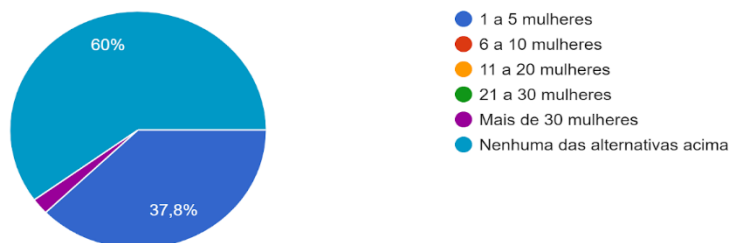
45 respostas



Pergunta 10: Após esse período da licença maternidade, quantas jornalistas voltaram ao trabalho e se mantiveram por mais de um ano?

10 - Após esse período da licença maternidade, quantas jornalistas voltaram ao trabalho e se mantiveram por mais de um ano?

45 respostas

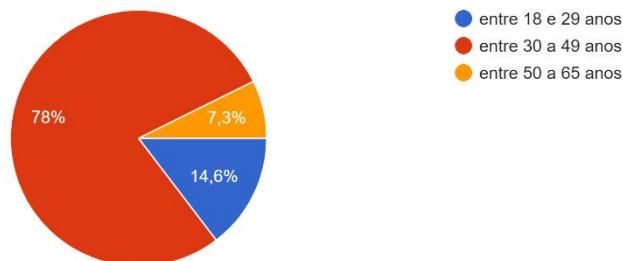


ANEXO C
RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS PARA AS JORNALISTAS DO OESTE
PAULISTA

Pergunta 1: Qual a sua idade?

1 - Qual a sua idade?

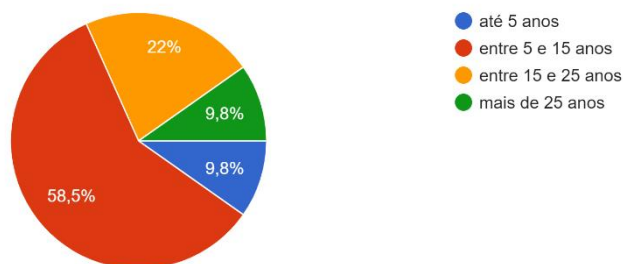
41 respostas



Pergunta 2: Há quanto tempo trabalha como jornalista?

2 - Há quanto tempo trabalha como jornalista?

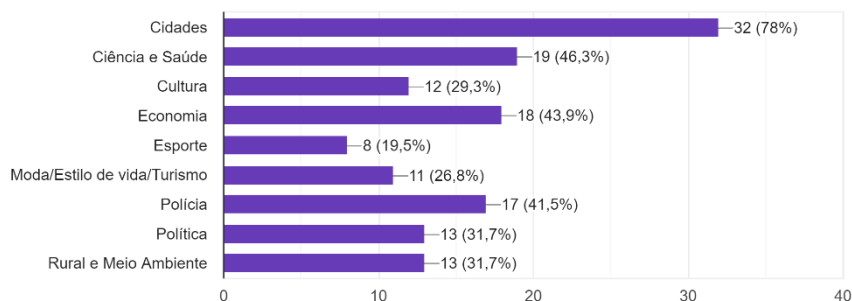
41 respostas



Pergunta 3: Em qual área ou editoria você desempenha a maior parte das suas atividades?

3 - Em qual área ou editoria você desempenha a maior parte das suas atividades?

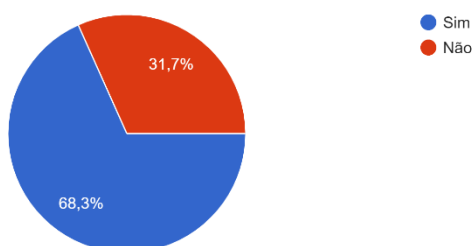
41 respostas



Pergunta 4: Na sua percepção, você acredita que já vivenciou ou já presenciou alguma colega de trabalho passar por algum tipo de constrangimento na profissão de jornalista, apenas pelo fato de ser mulher?

4 - Na sua percepção, você acredita que já vivenciou ou já presenciou alguma colega de trabalho passar por algum tipo de constrangimento na profissão de jornalista, apenas pelo fato de ser mulher?

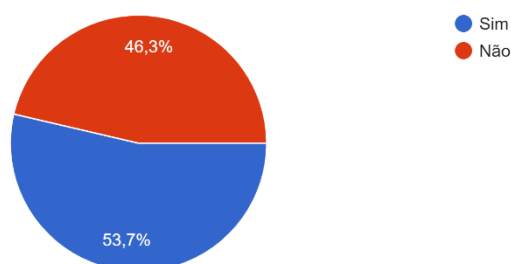
41 respostas



Pergunta 5: Na sua percepção, você acha que o seu trabalho já foi questionado pelo fato de ser mulher?

5 - Na sua percepção, você acha que o seu trabalho já foi questionado pelo fato de ser mulher?

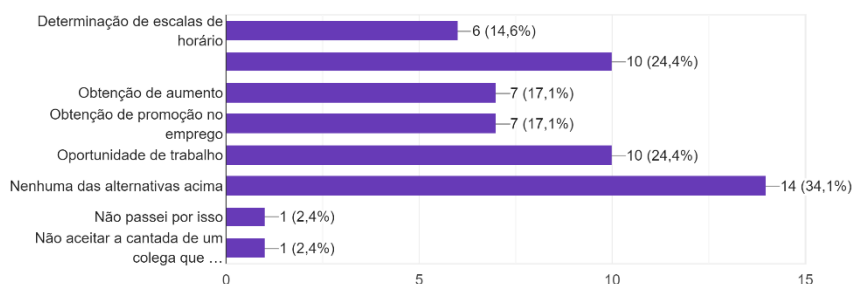
41 respostas



Pergunta 6: Na sua percepção, ser mulher já te prejudicou em alguma dessas situações? Marque mais de uma opção se necessário.

6 - Na sua percepção, ser mulher já te prejudicou em alguma dessas situações? Marque mais de uma opção se necessário.

41 respostas

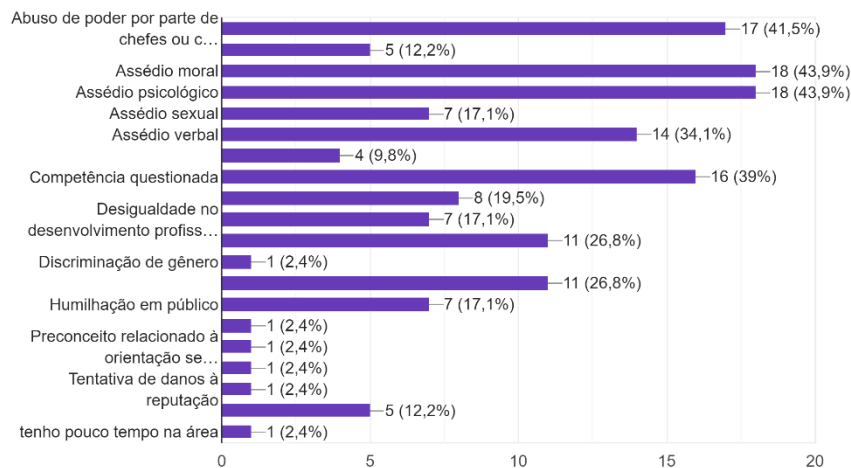


Pergunta 7: Você já passou por alguma dessas situações ao longo da sua carreira como jornalista? Quais? Marque mais de uma opção se necessário.

7 - Você já passou por alguma dessas situações ao longo da sua carreira como jornalista? Quais?

Marque mais de uma opção se necessário.

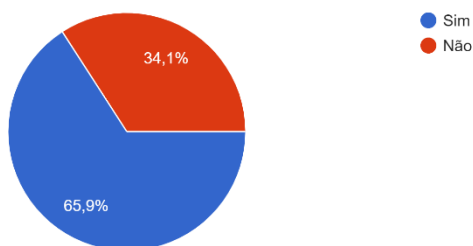
41 respostas



Pergunta 8: No exercício da profissão, você já ouviu algum comentário ou elogio sobre roupas, corpo ou aparência que a deixou desconfortável?

8 - No exercício da profissão, você já ouviu algum comentário ou elogio sobre roupas, corpo ou aparência que a deixou desconfortável?

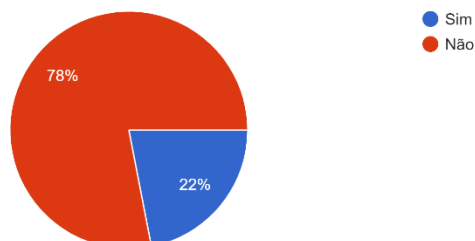
41 respostas



Pergunta 9: Você já teve a sua vida sexual questionada após a obtenção de uma informação importante ou até mesmo um furo de reportagem?

9 - Você já teve a sua vida sexual questionada após a obtenção de um informação importante ou até mesmo um furo de reportagem?

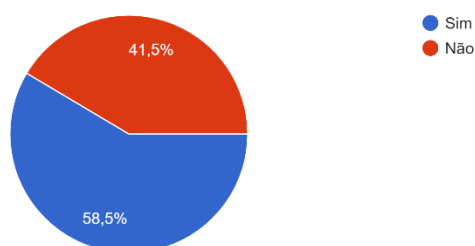
41 respostas



Pergunta 10: No exercício da profissão, durante alguma entrevista, você alguma vez já ouviu comentários por ser mulher que a deixou desconfortável ou propostas inadequadas por parte de alguma fonte?

10 - No exercício da profissão, durante alguma entrevista, você alguma vez já ouviu comentários por ser mulher que a deixou desconfortável ou propostas inadequadas por parte de alguma fonte?

41 respostas



Pergunta 11: Neste espaço, você possui a liberdade de contar alguma situação constrangedora, desconfortável ou algum desafio que, por ser mulher, você tenha passado no exercício do jornalismo. Para que você se sinta confortável em contar a sua história, a sua identificação não é obrigatória. (Abaixo, seguem as respostas obtidas na íntegra)

Interrupção Constante da fala que é facilmente diferenciada quando um homem está falando. Já aconteceu, várias vezes, de um homem falar exatamente o que eu tinha acabado de falar (e ser ignorada) e ele teve uma escuta maior.

...

<p>Somente uma observação - marquei uma resposta nas perguntas número 6 e 7, somente porque é obrigatório marcar para finalização do questionário. Porém, não me identifico com nenhuma das situações mencionadas.</p>
<p>Eu costumava fazer rondas diárias na Delegacia/Plantão da Polícia Civil e havia um delegado que sempre fazia comentários obscenos ou agia de forma que me constrangia. A situação era repetida com outras colegas, o que ele mesmo comentava. Desconfortável. Nojento.</p>
<p>Há muitos anos atrás, logo no início, fui cobrir um jogo do Santos no Prudentão. Eu era a única repórter mulher. Na época ainda trabalhava como estagiária. Lembro que fizeram várias brincadeiras por eu ser mulher e estar no estádio... Tipo, mulher não entende futebol rs.</p>
<p>Como produtora já fui questionada sobre o motivo de ter fontes e obter informações privilegiadas ou furos de reportagem. Como se tivesse feito algo sexual para obter aquele feito. Isso já aconteceu várias vezes.</p>
<p>Por manter contato com policiais para saber sobre ocorrências, alguns se sentem na liberdade de fazer elogios com segundas intenções.</p>
<p>O que a gente nota como mulher é que depois de uma certa idade, as pessoas acham que você deve ser substituída em algumas funções da linha de frente. Querem colocar aposentadoria aos 70 no Brasil, mas ninguém quer empregar depois dos 50 anos.</p>
<p>Não tenho nenhum fato relevante pra compartilhar.</p>
<p>Uma vez, ao entrevistar uma fonte ouvi a seguinte proposta: "Ah, respondo sim, desde que você não tenha compromisso hoje e tope sair comigo". Já ouvi de um chefe: "Essa sua blusa faz a gente ficar imaginando o que tem por baixo" Do mesmo chefe já ouvi: "Ah, você consegue a resposta dele sim, joga um charme." E já fui discriminada ao ser pautada para uma matéria esportiva. Os homens diziam que tinha que ser homem para falar de futebol. Que eu me lembre no momento é isso.</p>
<p>Em quase dez anos trabalhando como repórter, não tive muitos problemas ou momentos extremamente graves. Porém, há muitas situações cotidianas que acabam tendo reflexo no trabalho. Minha capacidade já foi questionada de várias formas. Desde se eu subiria num caminhão para tirar foto da ocorrência, se eu conseguiria estacionar a viatura, se daria conta de fazer a cobertura esportiva. Já</p>

fui questionada várias vezes se eu pintaria meus cabelos brancos descritos como horríveis. Ouvei que precisava emagrecer para ficar melhor no vídeo. Como eu falei, não houve nada grave, mas se fosse homem, certamente não teria passado por isso.

O maior desafio, até agora, foi no período da gestação. A carga e condições de trabalho, mesmo estando em uma época de fragilidade e que inspirava cuidados maiores, não eram pensadas antes de serem atribuídas a mim. Ficava horas sem intervalo para comer, ir ao banheiro, mesmo passando mal, me colocavam em matérias com muito sol, ou que exigiam muito esforço. Enfim, foi um período complicado.

No ambiente de trabalho é muito comum ouvir piadas. Um homem na posição de chefe em tom de brincadeira disse que colocaria uma mulher pra uma matéria, por ser bonita, sendo assim ela teria facilidade com a fonte.

Em minha experiência, o principal desafio encontrado é sempre a credibilidade questionada, principalmente em situações que envolvem mais o público masculino, tanto fora, como dentro do ambiente de trabalho.

Muitas vezes, indiretamente, já percebi pessoas com medo do texto final após a entrevista. E, liderando a redação, sinto em poucas situações, pessoas fora da redação desconfortáveis em falar comigo para resolver qualquer questão.

N

Nenhuma

Certa vez fiquei em dúvida após conferir dados que um secretário de transportes me enviou por e-mail depois que nos falamos por telefone. Liguei para ele novamente e expliquei que os resultados dos dados eram diferentes do que ele havia me informado pelo telefone. Além disso, os números não batiam. Na hora ele respondeu com um risinho forçado ao final: "Isso que dá quando uma mulher insiste em sair da beira da pia"...Em outro momento, ao repetir algumas informações para ter certeza se eu havia realmente compreendido, do outro lado da linha o indivíduo disse: "tinha que ser mulher"... Quando comecei a trabalhar com Esportes, me deparei com a típica pergunta: "e mulher entende de futebol?... Estas são apenas três situações.

<p>Quando trabalhava na reportagem, já ocorreu em entrevistas de assuntos mais polêmicos, o entrevistado (homem) fazer elogios como forma de intimidação, do tipo que "repórter bonita".</p>
<p>-</p>
<p>Obrigada!</p>
<p>Não tenho.</p>
<p>Quando fazia cobertura em rodeios, local essencialmente masculino, sempre passava por algum constrangimento por parte dos homens (organizadores, peões, tropeiros).</p>
<p>De uma maneira geral, principalmente na minha carreira como repórter, era comum assédio e comentários em relação a aparência, por parte de entrevistados, principalmente no universo político. Dentro da empresa nunca houve nenhum tipo de situação relacionada ao fato de eu ser mulher. Sempre tivemos diversidade dentro da redação.</p>
<p>As situações mais constrangedoras, no meu caso, estão relacionadas a fontes, que no começo da carreira, às vezes confundiam contato profissional com vida pessoal, e a acabavam me convidando para almoços, jantares. Óbvio que com a negativa, a pessoa acabava se afastando, deixava de ser "Fonte". Antes eu ficava chateada, e não achava justo ser tratada assim, por ser mulher. Hoje, não acontece mais. E se acontecesse, saberia lidar muito melhor com esse ou qualquer outro tipo de problema.</p>
<p>Infelizmente, percebo que há uma certa discriminação por ser mulher, muitas vezes não temos a atenção, compreensão e aceitação em nossas colocações.</p>
<p>Certa vez, tive minha competência questionada em público. Fui responsabilizada por falhas de toda uma equipe. Fui desmoralizada e cheguei a cair em depressão profunda, duvidando da minha própria capacidade. Filha de pais humildes, de pele escura e com sobrepeso, quem acreditaria? Apenas 3 anos e meio depois, outro administrador me contratou na mesma função, no mesmo cargo e na mesma empresa. Me deu um voto de confiança, suporte, boas ferramentas e acreditou no meu potencial, resultado: desabrochei. Hoje, fico feliz em receber um "Obrigada pela ajuda de hoje" no fim do expediente dos colegas de trabalho. Há cordialidade, respeito e confiança. Desde então, foram muitas conquistas! Pude provar para quem mais importava, que eu era e ainda sou capaz de muitas coisas boas. Provei</p>

para mim! Nós somos os nossos piores inimigos. Independente do gênero, raça ou religião, se tivermos fé e confiança em nós mesmos, podemos chegar longe, basta querer e acreditar!
Não me lembro de nada constrangedor.
Dificuldade com relação à idade, por estar mais velha, as oportunidades foram oferecidas a quem era mais jovem.
não passei ainda por nenhuma situação constrangedora pelo fato de ser nova nessa profissão
....
Fui retirada da escala pra trabalhar na cobertura de uma partida de futebol importante por ser mulher. Só voltei pra escala depois de muita reclamação
Felizmente no exercício da minha profissão nunca passei por uma situação constrangedora ou desconfortável.
Já ouvi algumas brincadeiras, como elogios à aparência, até pedido de casamento, no momento senti certo constrangimento...mas não deixei que interferisse no profissionalismo.
Passei por uma situação constrangedora em uma externa com um jogador veterano de futebol. No momento em que fui colocar o microfone de lapela, ele fez alguns comentários desnecessários. Porém resolvi a situação com profissionalismo.
Teve uma situação com um colega de trabalho que era antigo na profissão e eu estava começando. Ele queria namorar comigo mesmo sendo casado e eu recusei, logo em seguida uma oportunidade de trabalho que eu iria conseguir que ele fazia parte da equipe não deu certo para mim e ele justificou dizendo que na emissora disseram que eu era metida, ruim de relacionamento interpessoal. Eu estranhei pois não conhecia ninguém de lá. Anos depois soube de um dos chefes da emissora que isso nunca aconteceu e que quem sabotou essa possível oportunidade foi o colega que eu não quis sair. Tirou meu nome do projeto e ainda mentiu que me rejeitaram.
Não
Já passei por algumas situações desconfortáveis principalmente em matérias jornalistas que envolvem prisões. Um ambiente machista onde já ouvi comentários, olhares e questionamento que me fizeram ficar muito desconfortável.

São inúmeros os casos, mas durante um estágio fui diversas vezes questionada sobre como conseguia entrevistas, fotos, informações sobre casos onde nenhum outro jornalista obtinha sucesso, sempre sendo insinuado que havia "conquistado" por ter oferecido "algo" em troca.

Já ouvi comentários constrangedores ao fazer cobertura fotográfica do evento por ser mulher

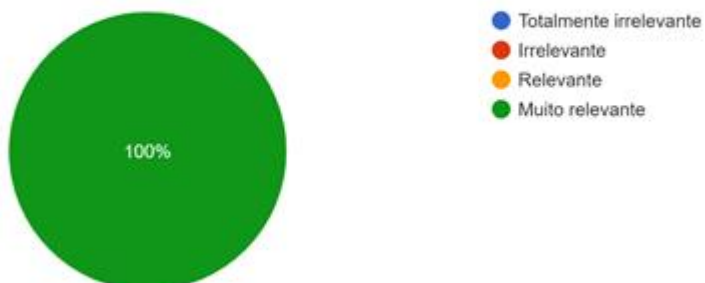
Várias vezes me disseram que eu poderia estar melhor na profissão, sugerindo que o fato de ser mulher bonita (na percepção dessas pessoas) me ajudaria. Comentários como: "ah, certeza que você passa na entrevista de emprego. Você é bonita", "você tem que falar com fulano, porque certeza que ele vai querer te ter na equipe. Você é bonita", "me manda mensagem nesse número (ao me entregar o cartão, piscar e dar a entender que a coisa poderia ser arranjada). Dentre tantas outras situações que, aos poucos, foram me desanimando.

ANEXO D
RESULTADO DO QUESTIONÁRIO DESTINADO ÀS LEITORAS-BETA

Pergunta 1: Como você avalia a obra quanto ao seu conteúdo de forma geral?

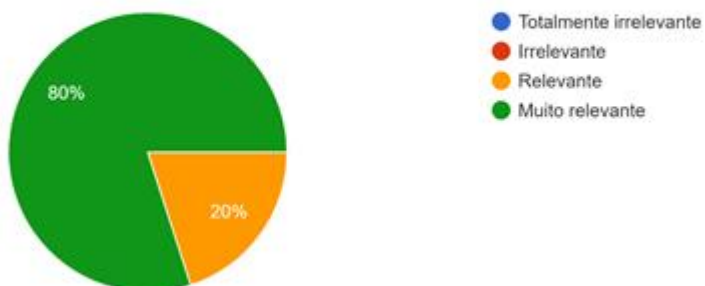
Como você avalia a obra quanto ao seu conteúdo de forma geral?

5 respostas

**Pergunta 2: Como você avalia a obra quanto à atualidade das discussões apresentadas?**

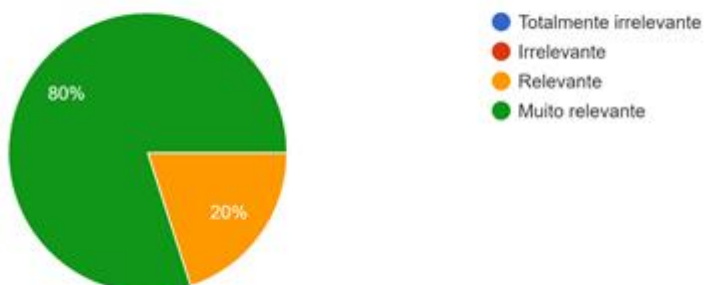
Como você avalia a obra quanto à atualidade das discussões apresentadas?

5 respostas

**Pergunta 3: Como você avalia a obra quanto ao conhecimento do jornalismo?**

Como você avalia a obra quanto ao conhecimento do jornalismo?

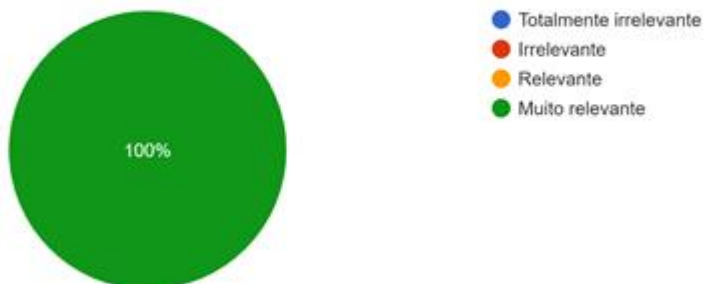
5 respostas



Pergunta 4: Como você avalia a obra quanto à realidade da mulher nas redações jornalísticas?

Como você avalia a obra quanto à realidade da mulher nas redações jornalísticas?

5 respostas



Pergunta 5: Como você avalia a obra quanto à sua contribuição social?

Como você avalia a obra quanto a sua contribuição social?

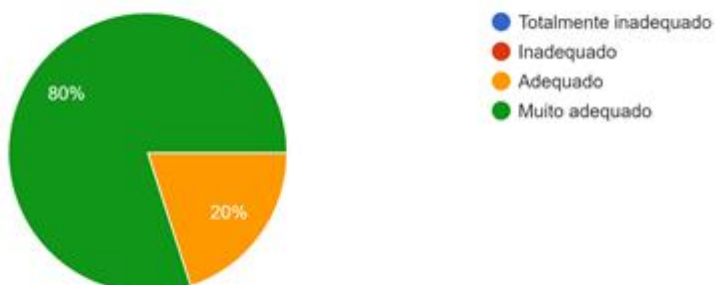
5 respostas



Pergunta 6: Como você avalia a linguagem adotada na obra?

Como você avalia a linguagem adotada na obra?

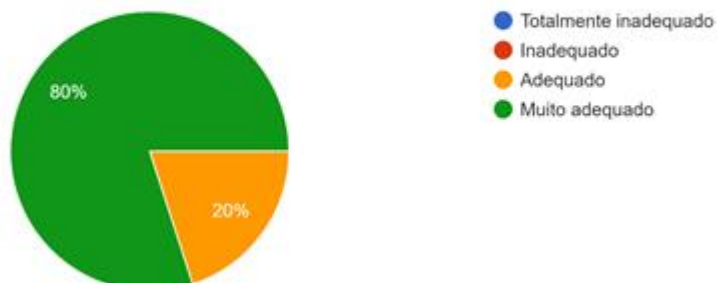
5 respostas



Pergunta 7: Como você avalia o projeto gráfico/layout da obra?

Como você avalia o projeto gráfico/layout da obra?

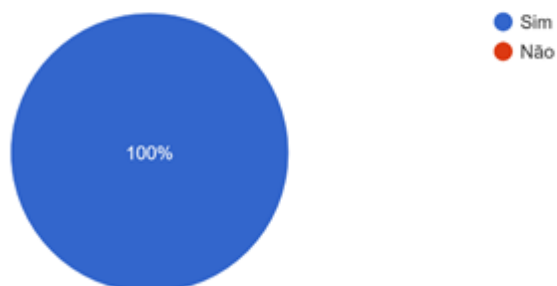
5 respostas



Pergunta 8: Você indicaria Margaridas?

Você indicaria Margaridas?

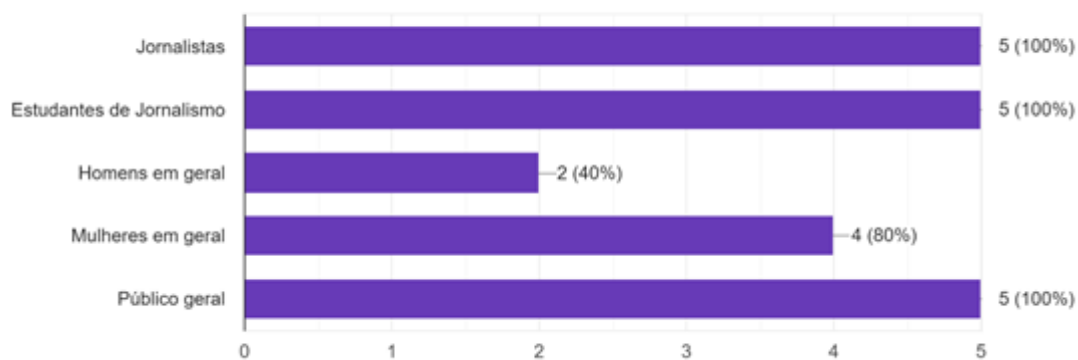
5 respostas



Pergunta 9: Você indicaria Margaridas para quem? Se necessário, marque mais de uma opção.

Você indicaria Margaridas para quem? Se necessário, marque mais de uma opção.

5 respostas



Comentário geral: Aspectos positivos

Adorei os prefácios, além da história em geral. Quando começaram os relatos principais, já me sentia envolvida e pertencente à história. O que, na verdade, é bem fácil de acontecer: senti identificação a cada parte do livro.

A obra Margaridas foi muito bem elaborada, trazendo um conteúdo riquíssimo sobre as mulheres jornalistas do Oeste Paulista. As vivências, desafios e experiências dessas mulheres são contadas de uma forma envolvente e cativante. Mergulhei "de cabeça" nas histórias dessas jornalistas e, ao mesmo tempo, me senti representada. Foi uma experiência gratificante ler e se identificar com uma obra que pode servir de inspiração para tantas mulheres. No entanto, vale lembrar que esse é o tipo de conteúdo que deve ser apreciado não apenas por nós, mulheres. Mas sim pela sociedade em geral.

Necessário. Isso que o livro Margaridas é para a sociedade, principalmente para os estudantes de jornalismo e os profissionais já formados.

A obra traz, de forma totalmente delicada e também muitas vezes dura, toda a essência do jornalismo de gerar debate, desconforto, indignação e por fim, prazer por ter absorvido uma boa história. Tudo isso pôde ser visto por meio da riqueza de dados, das breves biografias contadas a cada quebra das protagonistas, aguçando o lado mais gostoso dos profissionais da Comunicação: o da curiosidade.

O livro é tão rico, tão repleto de descobertas que é preciso ter ao lado um bloco de notas para poder se aprofundar nas informações transmitidas, já que a própria narrativa nos desperta esse desejo de querer mais.

Sobre a escolha das personagens, não poderia ter sido melhor. A associação de cada entrevistada com as flores conseguiu transmitir a sutileza, bem como intensidade e força individual. Cada uma trouxe um alerta diferente, questões sociais muitas vezes esquecidas e massacradas pela rotina que devem constantemente estar em pauta: abusos psicológicos, assédios sexuais, racismo,

xenofobia, gordofobia e o desmerecimento do trabalho em todas as esferas da vida de uma mulher.

A riqueza dos detalhes, a linguagem literária escolhida me fez chorar uma, duas, três, infinitas vezes, eu fui transportada para as cenas, para os sentimentos, para toda a agonia e a delícia de cada superação. As memórias de infância, as dificuldades e os obstáculos vencidos nos faz perceber que por trás de profissionais existem seres humanos que sentem e possuem inúmeros traumas.

A resiliência das admiráveis jornalistas da obra é absurda e não há outra palavra para descrever! Quantas vezes eu parei para me perguntar: "Será que eu teria dado conta de engolir essa situação?". Posso dizer que minha energia mudou, do mesmo modo que o meu desejo de ir além - não me submetendo a humilhações - também.

Para mim, Margaridas deveria ser um livro obrigatório do curso de Jornalismo, como um exemplo de produção, de escrita, de entrevista em profundidade... mas acima de tudo, como um livro que poderia poupar o sofrimento e falta de valorização das mulheres na profissão, já que mostra a vida como ela é.

Amei conhecer mais sobre as histórias dessas mulheres, já acompanhava a carreira de algumas delas. Sou suspeita para falar, mas adorei a temática e a abordagem nas entrevistas.

O livro traz por meio das experiências femininas, inúmeras situações que nos mostram o quanto a presença da mulher no jornalismo se faz necessária diariamente, embora seja preciso ultrapassar obstáculos, muitas vezes, sociais adversos.

O livro é forte, na forma como são contadas as histórias, e nas próprias narrativas, mas ao mesmo tempo, sensível e carregado de sentimentos, que faz o leitor capaz de se colocar dentro de cada um dos acontecimentos presentes ali.

O conteúdo, é necessário não somente à mulheres e sim, à todos, em geral, para que abram a mente, a respeito de assuntos tão relevantes na atualidade e que estarão em pauta durante muito mais tempo.

Comentário geral: Deficiências ou aspectos negativos

Sei que é uma parte necessária, mas achei a introdução meio difícil de “pegar o ritmo” da leitura. Acho que porque são muitos dados e números, o que, novamente, sei que são necessários. Mas como um ponto negativo, posso citar isso... a introdução foi a única parte que me foi de difícil leitura. O resto fluiu rapidamente, com facilidade, e como eu disse acima, de maneira que me sentia pertencente à história.

O ebook possui alguns problemas em relação aos espaçamento de palavras. Além disso, identifiquei um parágrafo repetido na parte da Apresentação das jornalistas (na parte da Paula Sieplin).

Eu senti falta de ver mais fotografias. É o único comentário possível que poderia fazer para que fosse aprimorado, não considero nem mesmo uma deficiência.

Acredito que colocaria mais ainda ilustrações e imagens.

Particularmente, não encontrei nenhum aspecto negativo na obra literária.

ANEXO E
CLIPPING

1. Release de lançamento oficial do livro-reportagem publicado no Portal Prudentino em 17/11/2021.



36 °

PORTAL PRUDENTINO
PAUTADO PELA CREDIBILIDADE

13 ANOS

POLÍTICA OPINIÃO ESPORTE LOCAL REGIONAL SERVIÇOS PESQUISAR...

INAUGURAÇÃO 2ª LOJA PRESIDENTE PRUDENTE
UMA LOJA GIGANTE, COM A MAIOR VARIEDADE DO ATACADO E UMA EXPLOÇÃO DE PREÇOS BAIXOS PRA VOCÊ APROVEITAR!

PRESIDENTE PRUDENTE

Livro-reportagem retrata desafios de mulheres jornalistas nas redações da região

Por Bárbara Munhoz
Em 17/11/2021 às 11:00

DOAR UM ATO DE AMOR
SEJA SOLIDÁRIO, DOE SANGUE.
Agende sua doação
0800 979 6049
Núcleo de Hemoterapia do Presidente Prudente

POLÍTICA OPINIÃO ESPORTE LOCAL REGIONAL SERVIÇOS PESQUISAR...

MARGARIDAS
o florescer das mulheres no jornalismo

■ Livro-reportagem aborda os desafios das mulheres nas redações do Oeste Paulista (Foto: Ilustração/Paulo Cremon)

Para além da flor que carrega a delicadeza e diversidade cromática, as margaridas também dão nome a uma produção que será lançada nessa quinta-feira (18): um livro-reportagem de perfil em formato de e-book que narra os desafios de mulheres jornalistas nas redações do Oeste Paulista.

Resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Bárbara Munhoz, Izabelly Fernandes e Melissa Andrade, alunas do 8º termo de Jornalismo da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Unoeste, sob orientação da Profa. Dra. Fabiana Alves, "Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo" aborda o papel da mulher no mercado de trabalho jornalístico, sob a ótica dos principais desafios vivenciados na profissão, como assédio, desigualdade salarial, racismo, abuso de poder, pressão estética e maternidade.

Esses e outros obstáculos são retratados em meio às experiências de vida de seis jornalistas, perpassando fatos marcantes da infância, adolescência e maioridade ao longo das quase 300 páginas que compõem o trabalho pioneiro no mundo acadêmico de Prudente.

Litotripis Extracorpórea
ITC Instituto de tratamento de cálculo
ITC pp (18) 99625-0443 / 3221-9393

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL
Cidade de Prudente

SP CAP
TÍTULO DE CAPITALIZAÇÃO
SP CAP
PRESIDENTE PRUDENTE
E REGIÃO
VOCÊ PODE SER UM NOVO MILIONÁRIO!
10000000

POLÍTICA OPINIÃO ESPORTE LOCAL REGIONAL SERVIÇOS PESQUISAR...

Entre as mais de 40 profissionais contatadas durante o processo de coleta de dados que culminou na definição do panorama jornalístico regional, os nomes escolhidos para compor a obra foram o de Amanda Simões, Cássia Motta, Heloíse Hamada, Luci Castro, Paula Sieplin e Tatiane Ferreira, referências na região.

"Nosso critério de escolha não se baseou em tempo de carreira. Perfilamos jornalistas cujas histórias representam desafios enfrentados por tantas outras. A seleção só foi possível graças à análise minuciosa desses relatos", afirma Izabelly, sobre o processo que durou cerca de oito meses.



Plano de saúde com **50% de desconto** por dois meses*
Aproveite essa oportunidade!
[Clique aqui](#)

POLÍTICA OPINIÃO ESPORTE LOCAL REGIONAL SERVIÇOS PESQUISAR...

Bárbara, Melissa e Izabelly dividiram-se entre produção, redação e edição do Margaridas | Foto: Marlene Reverte

Entre aplicação de questionários, pré-entrevistas, entrevistas oficiais e decupagem dos materiais, "Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo" conta com seis capítulos, além de Sumário, Introdução, Posfácio e Agradecimentos. Mas não só isso: reserva aos leitores a grata surpresa de um Prefácio escrito pelas jornalistas Thaisa Bacco e Giselle Tomé.

"O livro 'Margaridas' almeja que as profissionais sejam inspiradas pelas experiências retratadas em suas páginas. Que as jornalistas experientes se identifiquem, unam-se e fortaleçam o debate sobre a situação das mulheres nas redações e que as futuras profissionais saibam o que as espera e cheguem às redações conscientes de seu papel social como jornalistas e mulheres", observa a orientadora e também historiadora Fabiana.

Não é só "uma capa"

Produzida pelo ilustrador Paulo Cremon, a capa do livro tem como elemento principal as margaridas. A escolha das flores remete ao título da obra, que faz referência a Margarida Izar, a primeira repórter de São Paulo e a única mulher a compor o Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, em 1937, durante a primeira formação.

"Mesmo relacionando às profissionais com essas flores entendidas como frágeis, o objetivo da capa é justamente o contrário: trazer as margaridas enquanto símbolo da força e união coletiva feminina dentro das redações", explica Bárbara.

União que é reafirmada pelas raízes que começam no nome da obra e florescem em um buquê de margaridas e outras flores, dando origem e sustentação às mais variadas mulheres, além de espelhar a força e a resistência das jornalistas frente aos desafios intrínsecos à profissão.

POLÍTICA OPINIÃO ESPORTE LOCAL REGIONAL SERVIÇOS PESQUISAR...

Não é só "uma capa"

Produzida pelo ilustrador Paulo Cremon, a capa do livro tem como elemento principal as margaridas. A escolha das flores remete ao título da obra, que faz referência a Margarida Izar, a primeira repórter de São Paulo e a única mulher a compor o Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, em 1937, durante a primeira formação.

"Mesmo relacionando às profissionais com essas flores entendidas como frágeis, o objetivo da capa é justamente o contrário: trazer as margaridas enquanto símbolo da força e união coletiva feminina dentro das redações", explica Bárbara.

União que é reafirmada pelas raízes que começam no nome da obra e florescem em um buquê de margaridas e outras flores, dando origem e sustentação às mais variadas mulheres, além de espelhar a força e a resistência das jornalistas frente aos desafios intrínsecos à profissão.

Lançamento

O lançamento oficial de "Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo" acontece quinta-feira (18), às 19h30, no Auditório Carvalho, localizado no Bloco B3, piso 4, do campus 2 da Unoeste.

"Estamos ansiosas para ver a reação do público com o resultado final da obra. Foi uma honra ter tido a confiança de mulheres tão incríveis e ouvir cada detalhe da história delas", declara Melissa.

COMPARTILHE



2. Cobertura do lançamento oficial do livro-reportagem, realizada pelo Portal da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais em 18/11/2021.

☰
Escola de Comunicação & Estratégias Digitais
📷 f 🔍

LANÇAMENTO

Alunas lançam o TCC “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo”

📱
🐦
📺
✉️

24/11/2021 às 22h51

Rayane Pedroso e Vinícius Antunes, especial para a Escola de Comunicação



☰
Escola de Comunicação & Estratégias Digitais
📷 f 🔍

E-book retrata a luta diária de seis jornalistas do Oeste Paulista (Foto: Marlene Reverte)

“Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo”, ebook sobre a trajetória de jornalistas mulheres nas redações do Oeste Paulista, foi lançado na última quinta-feira (18), no auditório Carvalho da Escola de Comunicação.

Resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo, o livro-reportagem em formato de e-book trata dos desafios de mulheres no jornalismo regional, como desigualdades, assédio, racismo e pressões diárias. Bárbara Munhoz, Izabelly Fernandes e Melissa Andrade, narram as histórias de seis jornalistas: Amanda Simões, Cássia Motta, Heloíse Hamada, Luci Castro, Paula Sieplin e Tatiane Ferreira.

As perfiladas foram escolhidas a partir de uma pesquisa feita pelas alunas, com o intuito de levantar dados e selecionar relatos diferentes que pudessem se complementar, representar e acolher a vida de outras mulheres. “Ter uma pesquisa faz com que aquelas situações saiam somente da nossa memória e se tornem dados. Números não mentem”, comenta Heloíse.



As jornalistas se emocionaram durante a apresentação lembrando suas histórias. “Em pleno século XXI a gente tem que lutar por muita coisa, ainda tem muito que ser revisto”, aponta Luci. Paula compartilha que se considera uma pessoa reservada e, muitas das situações contadas, já fugiam de sua lembrança ou ainda a machucavam muito, porém considera importante expor sua trajetória como apoio para outras pessoas e exercício de autorreflexão.

As responsáveis pelo trabalho comentaram que desde o início a intenção era fazer algo de TCC que ambas gostassem. “Já que iríamos lidar com isso durante um ano e meio, então que fosse sobre uma coisa que nos cativasse”, explica Izabelly. De acordo com Melissa, o objetivo é trazer uma reflexão para gerar identificação e encorajar outras mulheres que também querem seguir na área. “Se você tem vontade de entrar e conhecer o jornalismo, se joga de cabeça”.

Bárbara comenta também que todo esse processo as proporcionou uma transformação acadêmica, pessoal e profissional. “Nós sempre achamos que essas situações estão distantes da nossa realidade, mas não estão. Conversar e saber sobre suas histórias me fez enxergar o jornalismo de forma diferente e ter coragem para enfrentar os desafios que vamos ver lá fora”, diz.



coragem para enfrentar os desafios que vamos ver lá fora”, diz.

Para a orientadora do projeto, a professora doutora Fabiana Alves, o e-book torna possível o acesso de um maior número de leitores. “Esse formato possibilita atingir mais mulheres, é só compartilhar o link”, afirma. Segundo ela, isso só foi capaz pois as estudantes entregaram tudo que prometeram, apesar de todos os desafios, com excelência e dedicação.

A docente finaliza dizendo “ser uma Margarida”, visto que entende as desigualdades e problemas enfrentados pelas mulheres. “Temos que nos enxergar, enxergar o detalhe. Nosso solo é mais árido, mas estamos ali, resistindo. O que me torna uma Margarida é entender de onde eu vim e para onde quero ir, como mulher e jornalista”.

Ficou curioso para conhecer essas histórias? Então floresça com as seis jornalistas que sobreviveram aos mais diversos solos e desafios. Clique aqui e leia ao e-book.



3. Release de cobertura do lançamento oficial do livro-reportagem publicado pelo jornal O Oeste Paulista em 26/11/2021.

Sexta-feira, 26 de Novembro de 2021 **O OESTE PAULISTA** Página 09

LIVRO-REPORTAGEM RETRATA DESAFIOS DE MULHERES JORNALISTAS NAS REDAÇÕES DO OESTE PAULISTA



"Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo" foi lançado na quinta-feira (18), em evento que reuniu mais de 50 pessoas, no Campus II da Unoeste.

Por Bárbara Munhoz

Para além da flor que carrega a delicadeza e diversidade cromática, as margaridas também dão nome à mais nova produção da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Unoeste: um livro-reportagem de perfil em formato de e-book que narra os desafios de mulheres jornalistas nas redações do Oeste Paulista.

Resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Bárbara Munhoz, Izabellly Fernandes e Melissa Andrade, alunas do 8º termo de Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Fabiana Alves, "Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo" aborda o papel da mulher no mercado de trabalho jornalístico, sob a ótica dos principais desafios vivenciados na profissão, como assédio, desigualdade salarial, racismo, abuso de poder, pressão estética e maternidade.

Esses e outros obstáculos são retratados em meio às experiências de vida de seis jornalistas, perpassando fatos marcantes da infância, adolescência e maioridade ao longo das quase 300 páginas que compõem o trabalho pioneiro da Escola de Comunicação, lançado na quinta-feira (18), no Auditório Carvalho, localizado no Campus II da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste).

O evento contou com a presença de mais de 50 pessoas, entre amigos, familiares, jornalistas e professores que prestigiaram mais uma etapa importante da graduação das alunas. "Ver todas as jornalistas reunidas naquele momento foi maravilhoso, principalmente quando tiveram a oportunidade de falar sobre sua experiência com o livro-reportagem, uma obra verdadeiramente inspiradora", comenta Janaina Tavares, jornalista e uma das primeiras leitoras de Margaridas.

Por meio de um QR Code fixado nas carteiras do local, o público pôde folhear, virtualmente, as páginas do livro disponível no Issuu, plataforma de leitura online gratuita, ainda no evento, despertando a curiosidade dos conteúdos abordados no restante da obra.



"As autoras conseguiram transmitir as histórias de uma forma muito sensível e humana. O trabalho é excelente e eu tenho certeza de que também é muito rico tanto pelas histórias contadas quanto pela profundidade e linguagem empregadas", conclui Janaina.

Sobre o e-book

Entre as mais de 40 profissionais contatadas durante o processo de coleta de dados que culminou na definição do panorama jornalístico regional, os nomes escolhidos para compor a obra foram o de Amanda Simões, Cássia Motta, Heloíse Hamada, Luci Castro, Paula Sieplín e Tatiane Ferreira, referências na região.

"Nosso critério de escolha não se baseou em tempo de carreira. Perfilamos jornalistas cujas histórias representam desafios enfrentados por tantas outras. A seleção só foi possível graças à análise minuciosa desses relatos", afirma Izabellly sobre o processo que durou cerca de oito meses.

Entre aplicação de questionários, pré-entrevistas, entrevistas oficiais e decupagem dos materiais, "Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo" conta com seis capítulos, além de Sumário, Introdução, Posfácio e Agradecimentos. Mas não só isso: reserva aos leitores a grata surpresa de um prefácio escrito pelas jornalistas Thaisa Bacoo e Giselle Tomé.

"O livro 'Margaridas' almeja que as profissionais sejam inspiradas pelas experiências retratadas em suas páginas. Que as jornalistas experientes se identifiquem, unam-se e fortaleçam o debate sobre a situação das mulheres nas redações e que as futuras profissionais saibam o que as espera e cheguem às redações conscientes de seu papel social como jornalistas e mulheres", observa a orientadora e também historiadora Fabiana.

Não é só "uma capa"

Produzida pelo ilustrador Paulo Cremon, a capa do livro tem como elemento principal as margaridas. A escolha das flores remete ao título da obra, que faz referência a Margarida Izar, a primeira reporter de São Paulo e a única mulher a compor o Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, em 1937, durante a primeira formação.



"Mesmo relacionando às profissionais com essas flores entendidas como frágeis, o objetivo da capa é justamente o contrário: trazer as margaridas enquanto símbolo da força e união coletiva feminina dentro das redações", explica Bárbara.

União que é reafirmada pelas raízes que começam no nome da obra e florescem em um buquê de margaridas e outras flores, dando origem e sustentação às mais variadas mulheres, além de espelhar a força e a resistência das jornalistas frente aos desafios intrínsecos à profissão.

"Foi uma honra ler tudo a confiança de mulheres tão incríveis e ouvir cada detalhe da história delas", declara Melissa.

SERVIÇO

Acesse "Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo" em https://issuu.com/margaridasjornalismo/docs/e-book_margaridas_v4

Contato:
(18) 98813-5452 - Bárbara Munhoz

APÊNDICES

APÊNDICE A
PROJETO EDITORIAL

PROJETO EDITORIAL

Introdução e justificativas

O livro-reportagem de perfil “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo” surgiu a partir da vontade de gerar reflexão sobre a realidade da mulher jornalista em exercício, permeada de desafios que vão além das paredes das redações e ecoam na sua vida pessoal.

Para alcançar esse propósito, foi elaborado o presente projeto editorial com o intuito de apresentar o planejamento da estrutura e as características escolhidas para se chegar ao resultado prático do objeto de estudo do grupo: um livro-reportagem de perfil em formato de *e-book*.

Para começar, uma característica marcante é o nome “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo”, escolhido diante de uma perspectiva histórico-social, cujo conceito está relacionado com o propósito da obra. Na sequência, o tópico da seleção de fontes demonstra os meios utilizados para se chegar às histórias das perfiladas e as etapas até a finalização dos textos, seguido pelos objetivos gerais e específicos, concentrados na projeção que o grupo teve sobre a peça prática e sua responsabilidade social.

Optou-se, ainda, pela criação de personas a fim de estabelecer um direcionamento mais específico de leitores, sobretudo, daqueles ligados à área, sejam futuros ou profissionais já atuantes. Com isso, a divulgação e distribuição do livro-reportagem tornaram-se mais assertivas, executadas no ambiente digital, com exceção do lançamento, realizado presencialmente, e seguindo todos os protocolos de saúde frente à pandemia de Covid-19, como o uso de máscara e o distanciamento social, em 18 de novembro de 2021, no Auditório Carvalho, localizado no Campus II da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste).

Cuidado também refletido na construção da linha editorial, que prezou pela ética profissional, tanto para o levantamento das informações quanto para gerar identificação e reflexão a partir das experiências confiadas ao grupo, aspectos seguramente defendidos no item de linha editorial. Em seguida, a distribuição de temáticas expõe a organização do conteúdo textual, escrito em ordem cronológica e em terceira pessoa, além da menção dos temas tratados no decorrer dos perfis.

Em harmonia com o escopo da obra, destacaram-se os elementos visuais, cuidadosamente planejados e definidos em conjunto com o ilustrador Paulo Cesar Verati Cremon, responsável pela capa e ilustrações internas, e o designer Paulo de Souza Carneiro, incumbido do projeto gráfico da peça, função que dá nome ao item que o detalha. Integram o tópico, ainda, os recursos técnicos, financeiros e humanos, além do organograma das funções e cronograma das atividades, a fim de manter a organização e o cumprimento dos prazos à risca.

Dentre as justificativas defendidas pelo grupo na produção do livro-reportagem de perfil, destaca-se a significativa contribuição social que a pesquisa aplicada aos veículos de comunicação e mulheres jornalistas da região proporcionou ao ser explicitada no resultado prático do objeto de estudo do grupo. Analisar o cenário jornalístico regional a partir de pesquisas e do contato com experiências importantes das perfiladas, mais do que a reunião de informações em um *e-book*, significou levar conhecimento e gerar reflexão, valorizando a pluralidade das vozes femininas na continuidade da luta em favor das profissionais que dão espaço a outras pessoas, mas raramente são ouvidas.

Academicamente, as pesquisadoras entenderam a peça prática como uma oportunidade de explorar os recursos da digitalização do jornalismo e o uso do livro-digital enquanto ferramenta massiva de propagação dos conteúdos jornalísticos, haja visto o ineditismo do formato *e-book* utilizado nas produções da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais. Além disso, reafirmou o fato de que o livro-digital atribuiu mudanças nos hábitos de leitura, tornando-se importante na geração de conhecimento que ultrapassa as barreiras físicas.

No âmbito pessoal, a escolha do livro-reportagem de perfil em formato de *e-book* revelou a apreciação das pesquisadoras em contar histórias, sobretudo, quando elas têm o poder de transformar o cenário em que vivem, o que confirmou seu amor pelo jornalismo e a vontade de se tornarem agentes de mudança social em um mercado que, um dia, ocuparão efetivamente.

Nome da publicação

O nome “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo” está atrelado a uma importante jornalista, pioneira na profissão, chamada Margarida Izar. Quando o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo foi fundado, em 1937,

ela era a única mulher jornalista na diretoria. Depois dela, o sindicato só foi ter outra presença feminina 20 anos depois, em 1957, com Gracita de Miranda. Além disso, Margarida também foi a primeira repórter de assuntos gerais da cidade de São Paulo; antes dela as mulheres só eram colocadas em pautas dos chamados suplementos femininos. Por isso, o nome “Margaridas”, além do pioneirismo da repórter, faz alusão às jornalistas atuais que, assim como Margarida Izar, lutam diariamente pelo seu espaço no mercado de trabalho e pelos seus direitos e igualdades dentro das redações jornalísticas.

Por outro lado, uma característica marcante das flores margaridas é a capacidade de crescerem coletivamente, nunca solitárias, assim como todos os movimentos em prol das mulheres. Além disso, também simbolizam a sensibilidade, pureza, bondade e o afeto, e, apesar de serem consideradas delicadas, adaptam-se a diferentes tipos de solos, bem como as mulheres que, embora julgadas como o “sexo frágil”, são capazes de se adaptarem às situações mais extremas, sempre com coragem.

Ademais, a luz é um fator importante para o desenvolvimento desse tipo de flor, não diferente das mulheres, cujo brilho se intensifica a partir das oportunidades que lhes são oferecidas.

Seleção de fontes

A partir da aplicação de um questionário destinado a jornalistas no exercício da profissão, em redações de TVs, rádios, jornais impressos, revistas e sites de notícias, foram selecionadas diferentes temáticas a respeito dos principais desafios vivenciados por mulheres dentro dos veículos de comunicação das 56 cidades da região do Oeste Paulista.

Diante dos relatos compartilhados pelas mulheres por meio dos questionários, foram escolhidas 13 jornalistas para a realização de pré-entrevistas a fim de avaliar as histórias e selecionar as que mais se destacaram frente aos temas estabelecidos. Feito isso, foram selecionadas seis jornalistas cujos relatos e jornadas representam as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres nas redações da região. Após a escolha das perfiladas, foi iniciada a etapa de imersão em suas vivências, por meio de entrevistas jornalísticas efetuadas presencial ou virtualmente, para a construção de perfis.

Enquanto protagonistas de suas histórias, as mulheres perfiladas foram consideradas entrevistadas-chave para a construção dessas narrativas. Para consolidar as temáticas presentes nos relatos, também foram utilizados os dados obtidos por meio da pesquisa realizada com os veículos de comunicação e mulheres jornalistas do Oeste Paulista, cujos resultados foram significativos para entender o cenário jornalístico da região.

Objetivos

Objetivo geral

Produzir um livro-reportagem de perfil em formato de *e-book* sobre os principais desafios das mulheres nas redações jornalísticas do Oeste Paulista, como forma de gerar discussões sobre a desigualdade entre os gêneros na área de atuação.

Objetivos específicos

- Colocar em prática técnicas jornalísticas, como pesquisa, produção, entrevistas, edição, checagem e apuração de informações;
- Selecionar fontes que ilustrem os principais desafios enfrentados por mulheres nas redações jornalísticas do Oeste Paulista e retratá-los em cada capítulo do livro;
- Apresentar histórias de mulheres jornalistas que viveram e tiveram experiências dentro das redações jornalísticas do Oeste Paulista;
- Expor números referentes a realidade das mulheres jornalistas nas redações;
- Produzir uma narrativa jornalística de perfil, aplicando conteúdos relacionados ao jornalismo literário e humanizado.

Personas

Levando em consideração os possíveis leitores do livro “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo”, foram criadas três personas a quem a obra se destina:

- Ana Campos, 20 anos, estudante de Jornalismo. Gosta de redes sociais, está atualizada sobre as últimas notícias do momento, possui o hábito de leitura, é frequentadora de grupos de estudos sobre feminismo e todo o universo que tange a causa, sonha com um ambiente de trabalho igualitário entre gêneros, sobretudo na área que pretende seguir, o jornalismo político.
- Viviane Schmidt, 37 anos, radialista especializada em jornalismo esportivo. Atuante na área há 15 anos, no início da carreira, enfrentou vários desafios para se estabelecer no meio, no entanto, ainda se depara com preconceitos dentro da profissão e, por isso, incentiva outros jornalistas a se firmarem no jornalismo esportivo.
- Jorge Moraes, 52 anos, jornalista e proprietário de um jornal impresso há 25 anos, no interior de São Paulo. Busca criar um ambiente amistoso nas redações com profissionais de ambos os gêneros, já que seus colaboradores são predominantemente homens e está aberto a novos aprendizados.

Divulgação, lançamento e distribuição

Como parte principal do processo de divulgação, foi criado um perfil no Instagram, intitulado @margaridasjornalismo, para compartilhar as etapas de produção do livro-reportagem, a fim de estabelecer uma relação com os seguidores e possíveis leitores da obra. A rede social contou com publicações de conteúdos informativos, educativos, inspiradores e interativos sobre trabalho em campo, trechos de depoimentos, elaboração da parte gráfica, curiosidades, enquetes, entre outros. Além disso, antes e depois de o *e-book* ser lançado, foi enviado um *release* à imprensa local para que as informações obtidas com o material alcançassem mais pessoas, gerando conhecimento.

Já em relação ao lançamento, foi realizado um evento no dia 18 de novembro de 2021, no auditório Carvalho, no bloco B3 do Campus II da Unoeste. A cerimônia contou com as autoras do *e-book*, professores, perfiladas, familiares, demais colegas e convidados.

O livro-reportagem de perfil, por ser em formato de *e-book*, foi distribuído na plataforma de publicação digital Issuu e, posteriormente, será disponibilizado no Portal da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Unoeste, Amazon e

Calameo. Todas elas são plataformas gratuitas de publicação online, onde o usuário pode acessar por meio de um cadastro.

Linha editorial

O livro-reportagem de perfil “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo” é composto por seis perfis escritos com base em narrativas cronológicas e em terceira pessoa, cada capítulo tendo como elemento principal um desafio enfrentado por mulheres nas redações jornalísticas do Oeste Paulista. Cada perfil também ilustra a trajetória das jornalistas em questão, bem como suas lutas no enfrentamento das mais diversas situações vividas no exercício da profissão e na vida, apenas pelo fato de serem mulheres.

Tudo isso foi explicitado por meio de dados regionais obtidos a partir da aplicação de questionários aos veículos de comunicação e às jornalistas, possibilitando traçar perfis mais assertivos com base na realidade das redações do Oeste Paulista e do universo acadêmico jornalístico prudentino.

É importante frisar que as pesquisadoras primaram, substancialmente, pela ética jornalística, visto que entraram em contato com histórias delicadas e profundas das jornalistas perfiladas e, diante disso, não possuíam o objetivo de expô-las, mas sim utilizar suas jornadas na peça prática a fim de gerar identificação com outras mulheres e transformar, por meio da reflexão, o cenário apresentado.

Isto posto, visando a qualidade da produção jornalística, a equipe fez uso de técnicas como produção de pautas, seleção de fontes, pesquisas, entrevistas, apuração, checagem de informações e edição.

Distribuição de temáticas

Ao acessar “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo”, em seu dispositivo, o leitor se depara com o prefácio, redigido pelas professoras Thaisa Sallum Bacco e Giselle Tomé da Silva, que apresentam sua visão sobre a peça prática e a importância social que carrega, além de relatar um pouco de suas próprias jornadas como mulheres e jornalistas. Em seguida, está uma apresentação, escrita pela orientadora deste trabalho, a professora doutora Fabiana Aline Alves.

Em segundo momento, uma introdução, preparada pelas autoras, apresenta o livro-reportagem aos leitores, com a intenção de explicar o seu conceito e de que forma se aplica ao restante da obra, bem como dados de pesquisas coletadas ao longo dos meses, acerca do cenário jornalístico regional, e um pequeno resumo das seis perfiladas.

Cada capítulo é iniciado com breve descrição de uma flor que representa a respectiva perfilada, além de um resumo da trajetória profissional de uma jornalista das primeiras gerações, figuras importantes para a inserção da mulher no mercado jornalístico, visando uma recuperação histórica necessária com o objetivo de entender os primórdios da profissão, tendo mulheres como protagonistas e que, por vezes, não são lembradas na história do jornalismo.

No decurso do livro-reportagem, o leitor entende, a partir de cada capítulo, o cenário que as jornalistas compartilham, em especial as do Oeste Paulista, marcado por desigualdade entre gêneros, a começar pela assimetria em relação à ocupação dos cargos. Temáticas como assédio, maternidade, ascensão na profissão, constrangimento relacionado à aparência ou vestuário, competência profissional questionada, racismo, abuso de poder trabalhista, humilhação em público, representatividade em editorias e dificuldades em exercer a profissão devido à idade, são tratadas a fundo por meio de seis perfis, de modo que permitam ao leitor uma imersão narrativa acerca da subjetividade das histórias e a realidade coletiva vivenciada pelas profissionais.

Por fim, no posfácio, cada integrante do grupo relata sua experiência na produção do livro-reportagem de perfil, levando em consideração as sensações vivenciadas desde a concepção da ideia, a partir da análise de pesquisas a nível nacional, passando pelo recorte regional, com o levantamento de dados, e o sentimento na imersão nas narrativas das perfiladas, até a emoção durante a escrita dos capítulos e finalização do livro.

Leitores-beta

Com o objetivo de avaliar previamente o conteúdo e a usabilidade do *e-book* produzido, foram selecionadas quatro voluntárias, que se assemelham às personas projetadas, bem como os membros da banca, para realizarem uma leitura-beta, com o intuito de apontarem suas primeiras impressões sobre o livro-reportagem e

possíveis mudanças para uma melhor experiência de leitura, antes de seu lançamento definitivo.

Projeto gráfico

A produção gráfica do livro-reportagem de perfil ficou sob responsabilidade dos profissionais Paulo Cesar Verati Cremon, ilustrador da capa e páginas internas, e Paulo de Souza Carneiro, designer gráfico da peça prática; ambos os itens pensados e definidos em consonância com as pesquisadoras e orientadora, seguindo o conceito geral da obra.

“Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo”, foi construído nas dimensões 16x23cm. Sua diagramação seguiu o padrão de colunas de texto justificadas e parágrafos recuados, cuja escolha torna a leitura leve. A cor roxa, usada nos títulos, detalhes da capa e nas páginas que iniciam os capítulos, com a jornalista histórica, remete à cor símbolo do movimento das sufragistas inglesas, em 1908, que representava as mulheres que lutavam pelo direito ao voto, inspirando grande parte dos movimentos feministas ao redor do mundo até hoje.

O verde, por sua vez, utilizado na capa e também nas páginas das jornalistas históricas, traz a simbologia do movimento feminista argentino, sobretudo, na luta pelo direito da mulher decidir sobre o seu corpo, causa reafirmada pela conquista da aprovação da Lei do Aborto, em 2020, se tornando um marco para outras nações latino-americanas.

Capa

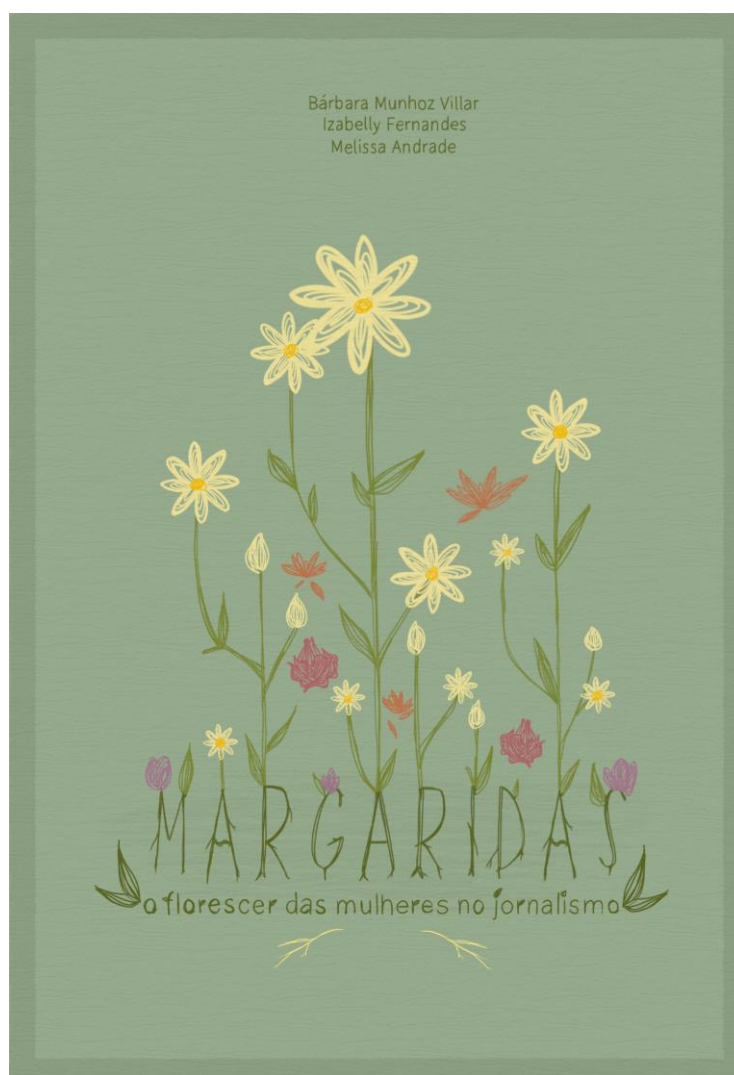
Produzida pelo ilustrador Paulo Cesar Verati Cremon, a capa (FIGURA 1) teve como elemento principal as flores margaridas, a partir de uma abordagem artística minimalista, que consiste na utilização mínima dos elementos, ideia defendida pelo movimento que deu início a uma série de manifestações culturais, estéticas e científicas, e que teve origem em Nova York, na década de 1950.

A escolha das flores remete ao título do livro, “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo”, que faz referência a Margarida Izar, a primeira repórter de São Paulo e a única mulher a compor o Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, em 1937, durante a primeira formação. Nesse sentido, a escolha dessa

espécie, sob a ótica da ilustração minimalista, evidenciou a personalidade histórica da jornalista, mas mesmo relacionando às profissionais com essas flores subjugadas como frágeis, o objetivo da capa é justamente o contrário: trazer as margaridas enquanto símbolo da força e união coletiva feminina dentro das redações, embora em um primeiro olhar remeta à sutileza.

Essa união é reafirmada pelas raízes que começam no nome da obra e florescem em um buquê de margaridas e outras flores, ou seja, dão origem e sustentação às mais variadas mulheres, espelhando a força e a resistência das jornalistas frente aos desafios intrínsecos à profissão. O verde da capa, como explicado no tópico acima, se relaciona com movimento feminista argentino, principalmente no que diz respeito à conquista dos direitos sobre os corpos das mulheres.

Figura 1 - Capa



Fonte: Paulo Cesar Verati Cremon.

Tipografia

A tipografia escolhida para os títulos e subtítulos do livro-reportagem foi a Playfair. Desenhada pelo designer holandês, Claus Eggert Sørensen, a família tipográfica é serifada com acentuação adequada à língua portuguesa e glifo com caracteres especiais, como constam nas figuras 2 e 3.

Figura 2 - Fonte Playfair



Fonte: Print/Google Fonts.

Figura 3 - Glifo

Glyphs

A	B	C	Č	Ć	D	Đ	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
S	Š	T	U	V	W	X	Y	Z	Ž	a	b	c	č	ć	d	đ	e	f	g	h
i	j	k	l	m	n	o	p	q	r	s	š	t	u	v	w	x	y	z	ž	À
Б	В	Г	Д	Е	Ё	Ж	З	И	Й	К	Л	М	Н	О	П	Р	С	Т	У	Ф
Х	Ц	Ч	Ш	Щ	Ъ	Ы	Ь	Э	Ю	Я	а	б	в	г	д	е	ё	ж	з	и
й	к	л	м	н	о	п	р	с	т	у	ф	х	ц	ч	ш	щ	ъ	ы	ь	э
ю	я	Ă	Â	Ê	Ô	Ó	Ů	ǎ	â	ê	ô	σ	ı	1	2	3	4	5	6	7
8	9	o	‘	?	’	“	!	”	(%)	[#]	{	@	}	/	€	\
<	-	+	÷	×	=	>	®	©	\$	€	£	¥	ç	:	;	,	.	*		

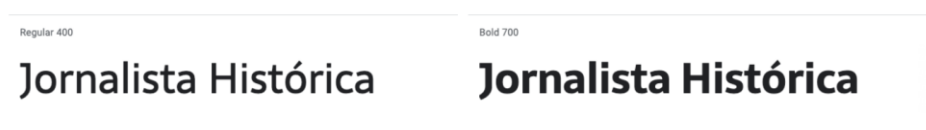
Fonte: Print/Google Fonts.

Com bordas suaves e levemente arredondadas, é muito versátil e conta com pesos: Regular, Medium, Semi-bold, Bold, Extra-bold, Black, todas com variações

em itálico, além de possuir alto contraste, traços delicados e elegantes. Segundo o designer gráfico Paulo Carneiro², “oferece boa leitura para aplicações impressas ou online como em *e-books* ou *websites*”.

A tipografia presente nos blocos de texto é a Sarala, cuja família foi desenhada pelos designers Andres Torresi e Carolina Giovagnoli. Baseada na fonte latina original Telex, segundo Carneiro, “é uma fonte sans serif humanista, concebida para ser uma fonte web com boa legibilidade em tamanhos de texto normais”, com acentuação adequada à língua portuguesa e, também, com mapa de *glyphs* com caracteres especiais. Conta com pesos: Regular e Bold e se tornou um tipo de letra multifuncional com baixo contraste e proporções amplas (FIGURAS 4 e 5).

Figura 4 - Fonte Sarala



Fonte: Print/Google Fonts.

Figura 5 - Mapa de *glyphs*

Glyphs

A	B	C	Č	Ć	D	Đ	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
S	Š	T	U	V	W	X	Y	Z	Ž	a	b	c	č	ć	d	đ	e	f	g	h
i	j	k	l	m	n	o	p	q	r	s	š	t	u	v	w	x	y	z	ž	आ
ई	ऊ	ऋ	ॠ	ऌ	ॡ	ऐ	औ	ऌ	ॡ	क	ख	ग	घ	ङ	च	छ	ज	झ	ञ	
ट	ठ	ड	ढ	ण	त	थ	द	ध	न	प	फ	ब	भ	य	र	व	ळ	श	ष	स
ह	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	◦	१	२	३	४	५	६	७	८	९
‘	?	’	“	!	”	(%)	[#]	{	@	}	/	&	\	<	-	+
÷	x	=	>	®	©	\$	£	¥	¢	:	;	,	.	*	₹					

Fonte: Print/Google Fonts.

Com o objetivo de proporcionar ao leitor uma experiência mais leve de leitura, optou-se pelo alinhamento justificado, sem hifenização e parágrafos recuados.

² Entrevista concedida pelo designer gráfico, Paulo Carneiro, Presidente Prudente, 2021.

Seções internas

Cada capítulo é começado com um resumo da trajetória profissional de uma jornalista das primeiras gerações (FIGURA 6). A página seguinte ainda é acompanhada por uma ilustração de uma flor escolhida, feita pelo ilustrador Paulo Cremon, e indica o perfil de uma das seis jornalistas. Junto ao nome da perfilada, são descritas as dificuldades pelas quais tais flores passam no processo de adaptação até o seu desenvolvimento, de forma a se relacionarem com os obstáculos presentes na história da jornalista em destaque, bem como das experiências presentes no livro. Desta forma, há um alinhamento editorial e gráfico com o conceito da capa e o título da obra.

Figura 6: Página modelo do início dos capítulos

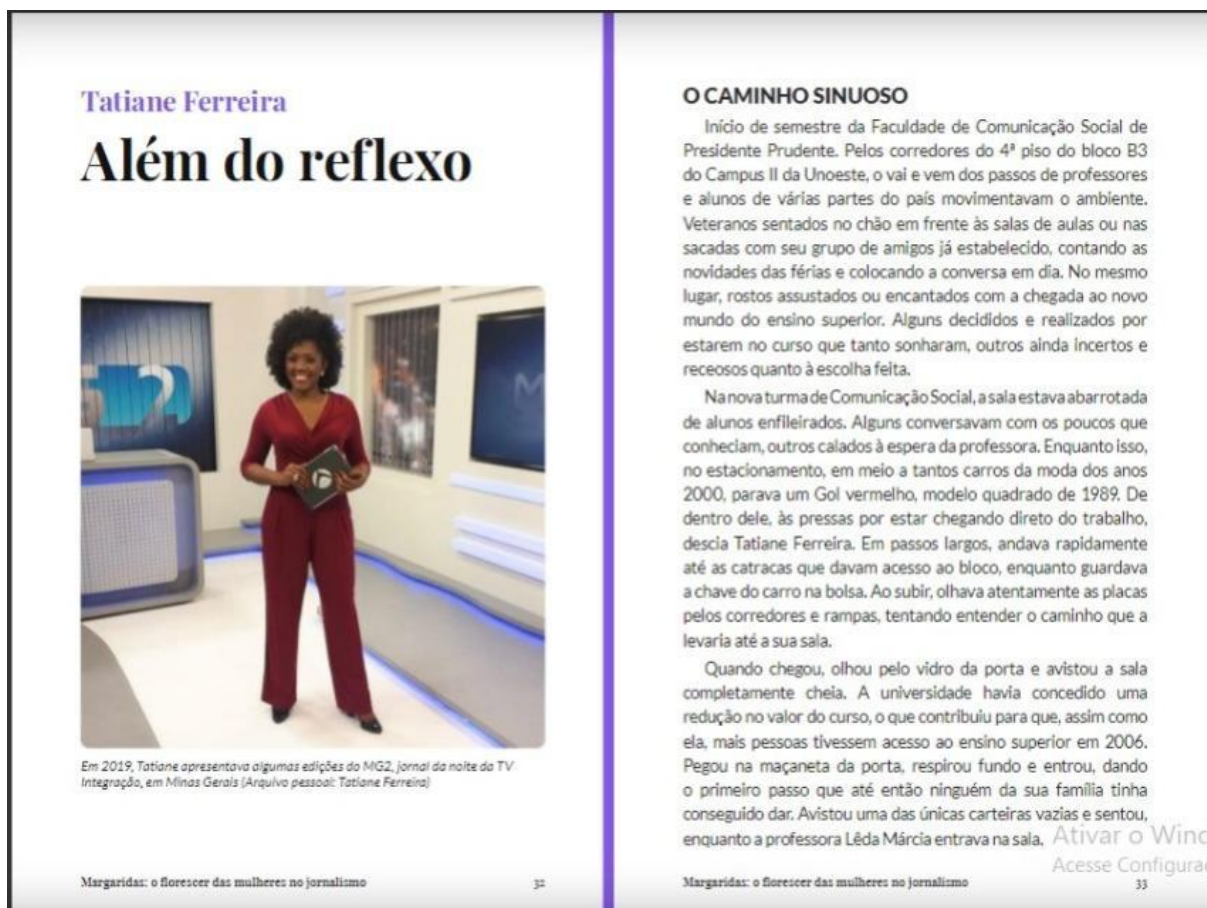


Fonte: Paulo de Souza Carneiro.

Na próxima página, há o título do capítulo (FIGURA 7). O layout do texto foi justificado, sem hifenização, em apenas uma coluna, e com uma fotografia da

jornalista perfilada ao centro da primeira página. Vale ressaltar que as fotografias foram cedidas pelas jornalistas.

Figura 7: Modelo das primeiras páginas dos capítulos



Fonte: Paulo de Souza Carneiro.

Recursos técnicos

Os recursos técnicos utilizados para a produção e desenvolvimento da peça teórica e prática pertenceram integralmente às pesquisadoras, como: canetas, bloco de anotações, carregadores, smartphones e notebooks das marcas Asus, Positivo e Samsung. Para a edição do conteúdo textual foram utilizadas plataformas como Google Docs e Word. Já em relação à formulação do *mailing*, foi utilizada a Planilhas Google, e na elaboração dos questionários, o Google Forms. Os softwares utilizados para o desenvolvimento, planejamento e identidade visual do livro-reportagem de perfil foram de responsabilidade do ilustrador Paulo Cesar Verati Cremon e do diagramador Paulo de Souza Carneiro.

Recursos financeiros

Durante oito meses, as integrantes da equipe se comprometeram a investir uma quantia mensal de R\$ 100,00 cada, totalizando R\$ 2.400, valor que auxiliou o grupo a arcar com as despesas provenientes da peça prática e teórica, como o pagamento do ilustrador e diagramador, da impressão das peças teóricas em capa dura, entregues à banca final. Também houve gastos com locomoção para a realização de entrevistas, bem como para a realização do lançamento do *e-book*.

O orçamento realizado com o ilustrador Paulo Cremon para a criação da capa foi de R\$50,00 e para as ilustrações internas, R\$ 120. Para a diagramação e projeto gráfico do *e-book*, o trabalho foi orçado em R\$1.200,00 pelo diagramador Paulo Carneiro.

Recursos humanos

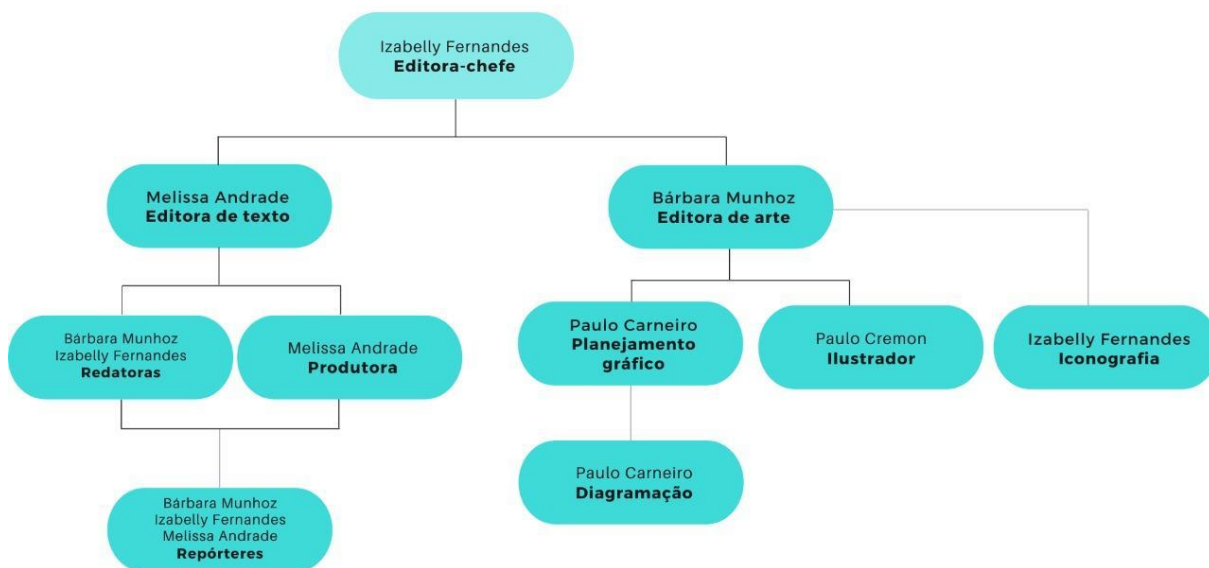
A produção textual de toda a peça prática e teórica deste TCC foi desenvolvida pelas três pesquisadoras: Bárbara Munhoz Villar, Izabelly Cristina Fernandes de Oliveira e Melissa Andrade Silva, sob orientação da professora Dra. Fabiana Aline Alves. É importante dizer que nenhum membro da equipe teve a intenção de obter remuneração pelo trabalho realizado.

A equipe também contou com o auxílio de dois designers gráficos, Paulo Cesar Verati Cremon e Paulo de Souza Carneiro, responsáveis pela elaboração da capa, projeto gráfico e diagramação do livro-reportagem de perfil em formato de *e-book*. Ao contrário das pesquisadoras, esses profissionais foram remunerados para exercer esse trabalho.

Organograma das funções

As funções foram distribuídas entre a equipe de pesquisadoras e os colaboradores para a realização da peça prática, intitulada “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo”; conforme o organograma:

Figura 8: Organograma



Fonte: As autoras.

Cronograma

Visando à organização e planejamento das etapas de produção do *e-book*, foi criada uma tabela com datas e atividades a serem realizadas pelo grupo.

Tabela 1: Cronograma para produção do e-book

AÇÕES/ MESES	MAI .	JUN .	JUL .	AGO .	SET .	OUT .	NOV .	DEZ .
Planejamento, criação do perfil no Instagram	x							
Postagens no Instagram	x	x	x	x	x	x	x	x
Pré-entrevistas	x	x						
Análise das pré-entrevistas		x	x					
Seleção das entrevistadas			x					
Entrevistas e transcrições				x				
Redação dos capítulos					x			
Edição final dos capítulos					x	x		
Diagramação						x		
Revisão						x		
Leitores-beta							x	
Avaliação dos resultados (leitura-beta)							x	
Revisão final							x	
Entrega para banca						x		
Correções da banca							x	
Lançamento do livro							x	
Banca e entrega final								x

Fonte: As autoras.